

# SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

BOLETIM 65



INVERNO 2010

# SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA

## FUNDADA EM 1924

**Claudio Marcos Angelini**  
Presidente

**Walter Arruda de Menezes**  
Vice Presidente

**José Alberto Borges da Cruz**  
Diretor Financeiro

**Idenyldo Silva**  
Diretor Administrativo

**José Serrano Neto**  
Diretor Técnico

**Gilberto Fernando Tenor**  
Diretor Curador

**Hilton Aparecido Magri Lúcio**  
Diretor de Divulgação

**Gilberto Tenor e Walter Menezes**  
Edição

**Walter Menezes**  
Projeto gráfico

**SAMGRAF Serviços Gráficos**  
Diagramação e editoração eletrônica

**Paris Gráfica e Editora**  
Impressão

**Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891**  
Jornalista responsável

Abrahão Gitelman, Alfredo de Carvalho (in memoriam), Claudio Schroeder, Eliane Rose Vaz Cabral Nery, Hilton Aparecido Magri Lúcio, Marco Túlio Freire Baptista e Maricé Martins Magalhães.  
Colaboradores

Criação inspirada em desenho de Sol LeWitt  
Capa

Host pohon  
Página de rosto

Capa impressa em Papel Supremo Duo Design 250 g/M<sup>2</sup> com laminação fosca  
Miolo impresso em Couché fosco 120 g/M<sup>2</sup>

O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores; As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo .doc (Word for Windows), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;  
Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.

# SUMÁRIO



|                                                                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| PALAVRAS DO PRESIDENTE                                                                                                      | 5   |
| VII CONGRESSO<br>LATINO AMERICANO DE NUMISMÁTICA                                                                            | 6   |
| MOEDAS PORTUGUESAS NOS “TESOUROS DO<br>DEPARTAMENTO DE NUMISMÁTICA DO<br>MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL –<br>MADRI - ESPANHA”. | 20  |
| TARAS/TARENTUM: OS TIPOS “CAVALEIRO/<br>HERÓI SOBRE DELFIM” NOS NOMOI DO<br>MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO<br>RIO DE JANEIRO   | 32  |
| CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES DAS<br>MOEDAS COLONIAIS BRASILEIRAS DE PRATA                                                    | 51  |
| MUSEU DE NUMISMÁTICA BERNARDO RAMOS                                                                                         | 63  |
| O CAVALEIRO THALBERG E SUAS ANDANÇAS                                                                                        | 71  |
| JULIUS MEILI E A NUMISMÁTICA BRASILEIRA                                                                                     | 75  |
| “CONJUNTO” DE NUMISMAS BRASILEIROS<br>REGISTRADO EM LIVRO                                                                   | 88  |
| EXPOSIÇÕES, PALESTRAS E CURSOS                                                                                              | 91  |
| NOVIDADES NUMISMÁTICAS                                                                                                      | 96  |
| REGISTRO DE ENSAIO NÃO LANÇADO PARA A<br>NOVA FAMÍLIA DO REAL                                                               | 99  |
| NOTAS INFORMATIVAS                                                                                                          | 101 |



**SOCIEDADE  
NUMISMÁTICA  
BRASILEIRA**

4

---

### **Missão:**

---

Atender aos anseios dos associados, na promoção da numismática no Brasil, com ética, responsabilidade e dentro dos preceitos estatutários.

---

### **Visão:**

---

Ser o principal referencial da cultura numismática no Brasil.

---

### **Valores:**

---

A SNB valoriza:

- a.** satisfação dos associados;
- b.** ética nos seus atos e relacionamentos;
- c.** competência profissional;
- d.** integração entre associações;
- e.** respeito a todas as “partes interessadas”.



# PALAVRAS DO PRESIDENTE

Prezados Numismatas,

É com muito orgulho e satisfação que levamos a você mais um número do nosso Boletim da Sociedade Numismática Brasileira.

Esta edição está repleta de informações muito interessantes sobre a numismática clássica e brasileira.

Apresentamos um relato bastante completo sobre o VII Congresso Latino-Americano de Numismática, cuja repercussão foi bastante positiva para a promoção da cultura numismática no Brasil e aborda o resultado final do 1º Concurso Municipal de Redação para jovens do ensino público o município de São Paulo.

Ainda sobre o nosso papel de educadores, promovemos nos meses de jul/ago de 2010, Curso sobre classificação de patações e reeditamos nesta edição, um excelente artigo sobre Julius Meili, considerado o pai da numismática brasileira, que foi publicado em 1908 e agora disponível para todos.

Cremos que somente através da publicação de artigos, promoção de cursos, palestras, exposições, sites, livros, produtos numismáticos e encontros especiais, que a numismática brasileira deixará de ser uma ciência para poucos e ocupará o seu lugar de destaque na cultura geral de todos os brasileiros.

Desejo a todos uma boa leitura

**Cláudio Marcos Angelini**

*Presidente*

## VII CONGRESSO LATINO AMERICANO DE NUMISMÁTICA

Após um período de cinco anos, o hotel Pestana São Paulo foi novamente eleito o local para sediar o maior evento de numismática no Brasil.

Foram três dias de intensa atividade, onde comerciantes nacionais e internacionais, colecionadores e estudiosos puderam interagir e fazer muitos negócios.



A cerimônia de abertura ficou a cargo do Diretor de Divulgação Hilton Lúcio, que compôs a mesa diretora e conduziu o cerimonial.

O presidente Angelini fez o discurso de abertura agradecendo a presença de todos e pelo apoio dispensado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e do Museu de Valores do Banco Central, representados pela Prof<sup>a</sup> Marisa Ricca Ximenez e Paulo Amauri de Oliveira Mello, respectivamente.



# LANÇAMENTO DO SELO PERSONALIZADO

Seguindo a tradição de todos os CLANs anteriores, os Correios produziram selo personalizado alusivo ao evento. Dessa vez foram produzidos duas séries que homenagearam São Paulo retratando diversos pontos turísticos da cidade.

A Sociedade Philatélica Paulista e a Diretoria Regional São Paulo Metropolitana dos Correios foram homenageadas, recebendo das mãos do Diretor Curador Gilberto Tenor, exemplar dos selos personalizados.



7



O representante da Sociedade Philatélica Paulista, Miguel Rodrigues de Magalhães recebe a cartela de selos personalizados do Diretor Tenor e oferece a medalha comemorativa dos 90 anos da SPP ao presidente da SNB, Cláudio Angelini.

# MEDALHA E BARRA COMEMORATIVA

Seguindo o cerimonial o Vice-Presidente da SNB, Walter Menezes apresentou a medalha comemorativa, cunhada em ouro, prata, bronze e cobre e a barra em prata alusiva ao evento.



Em seguida convidou o Diretor Administrativo Sr. Idenyldo Silva para proceder com a descaracterização do cunho.



O motivo desse Congresso retratou o emblemático carimbo PIRATINI sobre uma moeda da Colômbia com a data de 1821, da província de Cundinamarca.

Foram cunhadas 30 unidades em prata, bronze e cobre e somente 1 em ouro. Quanto as barras, foram fundidas apenas 3, sendo duas de prata 900 e uma em bronze prateado para acervo da SNB.

# PROJETO CULTURAL SNB NAS ESCOLAS

A SNB, com o apoio da Secretaria Municipal da Educação, do Museu de Valores do Banco Central, da Associação dos Amigos do Museu de Valores do Banco Central sob patrocínio da Angel Ambiental e diversos comerciantes desenvolveu o Projeto Difusão Cultural, SNB nas Escolas, com o objetivo de disseminar o conhecimento sobre numismática, junto aos estudantes de escolas públicas e privadas.

Nesta 1ª fase, com apoio de professores universitários, elaborou um Manual sobre a história do dinheiro com uma linguagem bastante acessível para o público-alvo. A equipe contratada para ministrar aulas nas escolas públicas e privadas produziu uma apresentação com recursos áudio-visual bastante interessantes, o que motivou os alunos de 13 a 16 anos a se engajarem no projeto.

Ao ministrarem as aulas os educadores puderam envolver os professores e diretores de escolas, que apoiaram dentro de suas possibilidades o desenvolvimento do programa de forma que todos os alunos pudessem participar de forma plena. Além disso, no final de cada aula, os estudantes foram agraciados com exemplares de moedas e cédulas cedidos pela SNB.

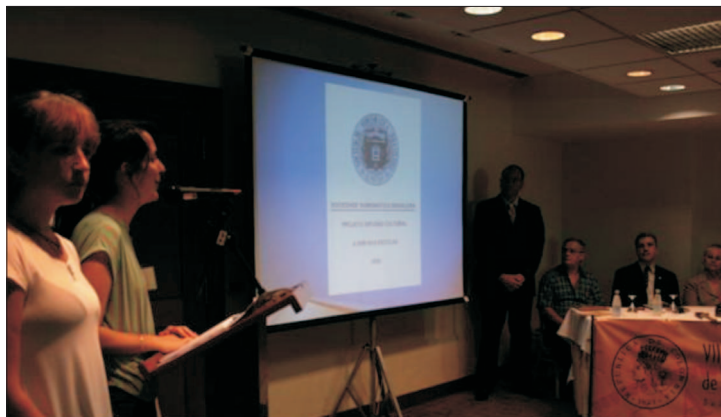
Dessa forma, foi possível lançar o 1º Concurso Municipal de Redação cujas melhores composições foram premiadas durante o VII CLAN.

9



*Os professores responsáveis pelo Projeto são apresentados pelo Diretor Hilton: Scheila Rotondaro Koch, Lilian de Ângelo Laky e Alex Martire*





As professoras Lilian e Scheila apresentam de forma sucinta, o resultado da 1ª fase do Projeto Difusão Cultural - SNB nas Escolas e relacionam as finalistas que serão premiadas no VII CLAN. Durante o segundo semestre de 2009 foram ministradas 56 aulas em 16 das 50 escolas convidadas, atendendo mais de 2000 alunos no período. A maioria das escolas não encaminhou até o fechamento do ciclo o total de redações desenvolvidas pelos alunos, o que resultou em cerca de apenas 10% redações para avaliação da comissão julgadora do Concurso, formada pelos professores e diretores da SNB.



*O público aguarda o anúncio das finalistas e vencedora do 1º Concurso de Redação Municipal*



*A grande vencedora, Gabriella Comparato de Souza, recebe das mãos do presidente da SNB seus prêmios: estojo de moedas, troféu e certificado*



*As finalistas com suas orientadoras e a representante da Secretaria de Educação*

Nossos sinceros agradecimentos as alunas e suas escolas:  
 Ana Carolina Rodrigues Costa - EMEF Ibrahim Nobre  
 Camila Pereira Rodrigues da Silva - EMEF Daisy Amadio Fujiwara  
 Fernanda Souza da Silva - EMEF Viana Moog  
 Gabriella Comparato de Souza - EMEF Conde Pereira Carneiro  
 Larissa Regina Miranda Cruz - EMEF Profª Elza Maia Costa Freire  
 Mariana Castro Lopes de Mendonça - EMEF Arthur Azevedo

# PROGRAMAÇÃO CULTURAL

## EXPOSIÇÕES

O VII CLAN promoveu 5 exposições muito interessantes, onde os visitantes puderam conhecer a arte numismática sob diversos aspectos.  
**Exposição nº 1** - O esporte na Numismática - As copas do Mundo de Futebol do associado Bernardo Marin Neto

**Exposição nº 2** - A arqueologia na Numismática do Diretor Hilton Lúcio

**Exposição nº 3** - Moedas Exóticas do Diretor Cláudio M. Angelini

**Exposição nº 4** - Moedas comemorativas do padrão Real do associado Ismael Toledo Jr.

**Exposição nº 5** - Cédulas do Padrão Réis do associado Cláudio P. Amato



*As coleções atraíram o público visitante*



*O associado mais antigo da SNB, Roberto Lemos Monteiro prestigia o evento e visita a exposição sobre moedas exóticas*



*O associado e ex-presidente Cláudio P. Amato exhibe com orgulho sua exposição de cédulas do padrão Mil réis do Brasil*



## PALESTRAS

Nessa edição a SNB optou em reduzir o número de palestras, para otimizar o tempo dos palestrantes convidados e do público que visita o Congresso para agregar conhecimento e adquirir novas peças para as suas coleções. Tal medida proporcionou uma maior participação e consequentemente maior satisfação dos presentes.

Dois momentos da pesquisadora e palestrante prof. Maricí Magalhães:



*Durante sua apresentação sobre as moedas de Taras/Tarentum da Grécia antiga e recebendo suas homenagens pelo presidente da SNB*



*O público participa atento as palestras proferidas nos 3 dias do Congresso*

- Dia 03/12** Taras/Tarentum: "O tipo "Cavaleiro" nas moedas do Museu Histórico Nacional" – RJ por Maricé Magalhães
- Dia 03/12** "O Museu Arqueológico Nacional - MAN - Madrid, Espanha por Eliane Nery
- Dia 04/12** "Egito - O período Ptolomaico" por Marcos Geribello



*Após sua apresentação sobre o Museu Arqueológico de Madrid, a prof. Eliane Nery recebe seu certificado do presidente da SNB*



*Momento em que o prof. Eng. Marcos Geribello, especialista em egiptologia apresenta sua magnífica exposição sobre o Egito faraônico e o período Ptolomaico*

## FÓRUM DE DISCUSSÃO: A cunhagem do Carimbo PIRATINI.



*O pesquisador Cláudio Schroeder do Rio Grande do Sul apresenta suas considerações a respeito da cunhagem do carimbo PIRATINI*



*O também gaúcho Francisco Partos apresenta suas observações acerca dos polêmicos carimbos PIRATINI*

O estudo sobre os carimbos oficiais e particulares em moedas brasileiras sempre foi um capítulo a parte da numária luso-brasileira. Alvo de curiosos e pesquisadores profissionais, o carimbo PIRATINI sempre despertou interesse de colecionadores e comerciantes, que viam nessa aplicação, indevida ou não uma forma de obter lucros sobre uma peça, no mínimo curiosa da história do Rio Grande do Sul. Defensores da tese de que a aplicação desse carimbo é uma fantasia, idealizada para comemorar ou de apenas lembrar a fundação da República Piratini, a questão é que o assunto ainda não ficou totalmente esclarecido e continuará aguardando novas documentações ou indícios de que o carimbo recebeu autorização oficial para ser aplicado em moedas de cobre e prata do Império do Brasil.

O assunto foi matéria do boletim nº64 que a SNB entregou durante o VII CLAN e com certeza poderá auxiliar na compreensão da matéria e quem sabe elucidar de vez esse capítulo intrigante da história dos carimbos sulistas, não só o PIRATINI, mas também o de SEIVAL, PONCHO VERDE e REPÚBLICA JULIANA.

**FÓRUM DE DISCUSSÃO:** Escala de raridades para moedas brasileiras.

*O presidente da SNB, Cláudio Angelini apresenta a proposta e as manifestações recebidas por cartas e e-mails dos associados*



*O mediador do Fórum foi o ex-presidente da SNB e autor do Livro das Moedas do Brasil, Cláudio P. Amato, ladeado pelos Diretores Hilton e Serrano que participaram ativamente dos trabalhos*

A SNB apresentou em outubro de 2009, proposta para implantação de escala para determinação do grau de raridade das moedas brasileiras com base na quantidade de moedas existentes, remanescentes de uma produção oficial, ratificada pelos emissores e reconhecida pelos Órgãos Oficiais e literatura disponível.

A adoção de uma escala de raridades poderá proporcionar a determinação do preço das moedas, mais próximo da realidade em função do critério adotado e oferta demandada pelo mercado numismático.

Tal normativa não é novidade, visto que em muitos países o uso de uma escala de raridades é prática comum e em alguns casos, o detalhamento chega a mais de 100 graus, de forma bastante complexa.

O presidente da SNB apresentou a proposta e as manifestações recebidas pelos associados para discussão em plenário, porém em virtude da complexidade do tema, a decisão foi postergada para o VIII CLAN em Dezembro de 2010. Até lá a SNB espera receber mais contribuições para se chegar a um consenso sobre o assunto.

## LANÇAMENTO DE LIVROS

- Os Recunhos de 960 Réis - David André Levy



- Os holandeses no Brasil - A família Nassau, Moedas e Medalhas  
Alfredo O.G. Gallas e Fernanda D. Gallas



- Faces da Moeda - Prof<sup>a</sup>. Maria Beatriz Borba Florenzano, Salvador  
Teixeira Wernec Vianna e Maurício Barros de Castro





# SALÃO DE COMERCIALIZAÇÃO

Com representantes de diversos países, o sucesso do evento foi marcado pelo expressivo número de mesas de comercialização. O grande salão do hotel Pestana abrigou 52 mesas por onde passaram cerca de 500 pessoas nos três dias do evento.



*Flagrantes do salão de comercialização onde comerciantes fizeram a alegria dos colecionadores, com muitas novidades e principalmente de raridades em cédulas, moedas e medalhas*



# REUNIÃO DOS PRESIDENTES

A tradicional reunião com os presidentes das sociedades numismáticas dos diversos estados brasileiros, serviu não só para planejar o calendário de eventos para 2010 mas para reafirmar o compromisso de ajuda mútua em prol da cultura com ações mais efetivas para divulgação da numismática junto as escolas.

Durante o encontro, o presidente da Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, Sr. Felix Eugênio Reichert pediu a palavra para prestar homenagens e entregar certificados de Mérito Cultural aos colegas da SNB Claudio M. Angelini, Cleber Coimbra e Luiz Borba de Brasília.



*Da esquerda para a direita: Marcos Aurélio Lepca, da Sociedade Numismática Paranaense, Félix Eugênio Reichert da Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, Cláudio Marcos Angelini, da SNB, Deputado Federal, Bispo Manoel Ferreira da Associação Brasileira de Numismática, do Rio de Janeiro, Cláudio Schroeder, da Sociedade Gaúcha de Numismática, do Rio Grande do Sul, Francisco Felizola Salmito de Recife, Ary Arruda Luna de João Pessoa, Cleber José Coimbra de Brasília, Sérgio Pinheiro de Fortaleza e Luiz Gonzaga T. Borba, de Brasília*

# MOEDAS PORTUGUESAS NOS “TESOUROS DO DEPARTAMENTO DE NUMISMÁTICA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL – MADRI - ESPANHA”.<sup>1</sup>

**NERY, Eliane Rose Vaz Cabral**

Museóloga – COREM 2ª R – 035-I

Técnica III / S – Museu Histórico Nacional – desde 1982

MINC / Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM

Em comemoração ao Ano Internacional Ibero-americano de Museus, inicia-se em 2008 uma série de ações culturais voltadas para a educação, preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio histórico e artístico que se encontra sob a guarda de instituições existentes nos países da Península Ibérica e América Latina. Nesse período, surge um museu interessado em proporcionar ao público atividades interativas, realizando exposições, seminários, conferências, apresentação de poesia, música e teatro buscando novos valores, não só como produtor e difusor cultural, mas também, como meio responsável por transformações sociais.

O evento contou com o incentivo do Ministério da Cultura da Espanha e o apoio de órgãos governamentais dos países envolvidos, como o Ministério da Cultura, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e do Departamento de Museus – DEMU, hoje Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

Nesse contexto insere-se o “Projeto Internacional para conservação, catalogação, digitalização e disponibilização *on line em site* (da instituição) do patrimônio numismático ibero-americano: a coleção do Museu Arqueológico Nacional (Madri).”

<sup>1</sup> Agradecimentos:

Agradeço a Diretora do MAN, Rubi Sanz Gamo, a Vice-diretora do Museu Arqueológico Nacional, Dr<sup>a</sup>. Carmen Marcos Alonso, na ocasião, Conservadora Chefe do Departamento, pelo convite de participação em seu relevante projeto; a diretora do Museu Histórico Nacional, Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia Bottrel Tostes, ao Dr. José do Nascimento Júnior, atualmente, Presidente do Instituto Brasileiro de Museus, aos Curadores de museus da Costa Rica, Chile e Equador. Também a Juan V. Teodoro, Diretor do Museu da Real Casa da Moeda, pela preciosa visita ao museu, a Claudio Marcos Angelini, Presidente da Sociedade Numismática Brasileira, a Coordenadora Técnica do Museu Histórico Nacional, Professora Ruth Beatriz Caldeira de Andrada pelo incentivo constante, às equipes técnicas do Departamento de Numismática do MAN pela acolhida, do Departamento de Numismática do MHN, e de Recursos Humanos do IPHAN e MHN. Agradeço, principalmente, a Deus a quem devo toda a Honra, aos meus queridos: José Carlos Magalhães, aos meus filhos Viviane, Carolina e Vinicius Vaz Cabral Nery, a minha mãe Emir Vaz e a Dalila Cabral Nery (in memoriam) pelo apoio e carinho, durante os dois meses em que estive ausente.

Para a viabilização desse Projeto, a Coordenação Técnica do Departamento de Numismática e Medalhística do MAN convidou alguns profissionais especialistas em numismática de museus dos países da América Latina, para juntos formarem equipes de trabalho, propondo a realização de projetos de pesquisa. Sua finalidade era incentivar, promover e potencializar a cooperação internacional e estimular o uso da Língua espanhola como meio de difusão do idioma no âmbito cultural e científico. Ao lado dos nomes dos profissionais participantes, também o nome dos museus latino-americanos cooperadores constarão do site do MAN, no que tange ao acervo pesquisado de cada país.

Os curadores convidados dedicaram-se à pesquisa, à colaboração mútua; participaram como conferencistas da Reunião Científica: “O Patrimônio Numismático nos Museus”; colaboraram em consultorias, visitas e reuniões técnicas ao Museu de América, Museu da Casa da Moeda e ao Ministério da Cultura.

Aqui deixo registrada a experiência rara e única que muito contribuiu para o estreitamento de laços entre os países ibero-americanos, através do intercâmbio cultural.

Este artigo consiste apenas na apresentação de parte da pesquisa realizada em Madri, no período de 1º de outubro a 1º de dezembro do ano de 2008. Seu objetivo é o de divulgar a análise, por meio de textos e imagens, de um conjunto de moedas portuguesas existentes nos “Tesouros do Departamento de Numismática” do Museu Arqueológico Nacional – MAN.

Segundo informações da Chefe do Departamento de Numismática, atualmente Vice-diretora do Museu Arqueológico Nacional, Dr<sup>a</sup>. Carmen Marcos Alonso a coleção brasileira de moedas entrou no museu em três períodos diferentes. A primeira remessa, datada de 1846, foi enviada pelo Subsecretário do Ministério do Governo; “entre outras peças, constavam moedas correntes no império do Brasil”.

Com a criação do museu, em 1868, uma profusão de objetos distintos foi adquirida principalmente, por meio de doações. Nesse período, entre 1868 e 1871, a maior parte das moedas da coleção brasileira fora doada por D. Miguel Lobo Y Malagamba, Comandante da esquadra do Pacífico. Uma outra parte das moedas é integrante da coleção Sastre, com cerca de 30.000 exemplares, adquirida ao museu pelo Estado por meio de compra a Domingo Sastre Salas, em 1973<sup>2</sup>.

As coleções foram distribuídas em dois catálogos: o primeiro reúne exemplares de moedas brasileiras cunhadas em prata, cobre e outras ligas, somam cento e sessenta e dois exemplares. O segundo catálogo exibe um conjunto de moedas portuguesas e brasileiras que possui trinta e um exemplares, cuja cunhagem em ouro, abrange épocas diversas da história monetária portuguesa e brasileira.

<sup>2</sup> ALFARO, Carmen. *Sylloge Numorum Graecorum Espana*. Museo Arqueológico Nacional Madrid. V.1, p.35. Exp. 1973/24.

As principais moedas da cunhagem em ouro da coleção brasileira – contidas no segundo catálogo – pertencem aos governos de: D. João V: há dois exemplares da série dos dobrões, datados 1726 e 1727, com peso de 53,66 e 53,41 g, 38,2 e 38,0 de diâmetro, respectivamente, marcados MMMM. D. José I (1750 – 1777) é representado em dois exemplares de 6.400 réis, datados 1768 e 1771, pesando 14,26 g e 14,24 g, módulo 31,6 e 31, 5, respectivamente, cunhados na Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Do governo de D. Maria I e D. Pedro III (1777 – 1786) existem dois exemplares de 6.400 réis, datados 1780 e 1783, com 14,25 g e 14,28 g, módulo 32,7 e 31,6 respectivamente, batidos na Casa da moeda do Rio de Janeiro e do governo de D. Maria I (1786 – 1799) há um 6.400 réis, datado 1794, pesando 14,25 g e 32, 5 de diâmetro, produzido na Casa da moeda do Rio de Janeiro, no qual a rainha se apresenta com “Toucado”.

A coleção portuguesa consiste da cunhagem de alguns exemplares da dinastia de Avis, especificamente moedas dos reinados de:

#### **D. AFONSO V, “O Africano” (1438 – 1481). Cruzado (cinco exemplares).**

Sob D. Afonso V “o Africano” surge o cruzado, em 1457, produzido em decorrência da descoberta de ouro na África. Batido em ouro quase puro, 989.6 ( 23,  $\frac{3}{4}$  quilates), muito prestigiado junto ao comércio externo, e por isso, é provável que a espécie tenha se mantido por quase um século. Seu nome se origina na Cruzada contra os turcos que o Papa Calixto III planejava, e da qual D. Afonso V era pretendente.

A tipologia dos cruzados de D. Afonso V é muito semelhante, embora variante nas legendas e em suas características físicas. Nas legendas predominam caracteres ora latinos, ora góticos, ou se misturam entre si. No anverso, apresenta o escudo real português coroado sobre a cruz da Ordem de Avis, assente sobre ornato lobular, em estilo gótico, de linhas curvas e duplas, cantonado por aneletes ou pontos. No campo do reverso apresenta a cruz grega, de braços cheios e idênticos, às vezes cercada de ponto ou pontos, inserida em uma espécie de rosácea gótica, quadrilobada, de linhas duplas, curvas e pontiagudas, cantonada de aneletes.<sup>3</sup>

Este soberano foi o primeiro rei português a representar sobre a moeda a numeração de ordem referente ao seu nome, costume este adotado pelos governantes que o sucederam. A partir de 1485, durante o governo de D. João II, a espécie sofreu algumas alterações, porém sua cunhagem se estendeu até o governo de D. Manuel I.

<sup>3</sup> Imagens MAN 1, 2, 3, 4 e 5.

| Número | Espécie | Governante | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|---------|------------|-----------|--------|------|
| 1      | Cruzado | Afonso V   | 23,0      | 3,54   | 3    |
| 2      | Cruzado | Afonso v   | 23,0      | 3,53   | 9    |
| 3      | Cruzado | Afonso V   | 22,0      | 3,46   | 6    |
| 4      | Cruzado | Afonso V   | 23,4      | 3,48   | 3    |
| 5      | Cruzado | Afonso V   | 23,4      | 3,53   | 12   |



### D. JOÃO II, “O Príncipe Perfeito” (1481 – 1495): Cruzado (seis exemplares).

23

Cognominado o “Príncipe Perfeito”, D. João incrementou o comércio e impulsionou os descobrimentos marítimos. Como seu pai, D. Afonso V, adotou o número de ordem em seu nome nas legendas de suas moedas. É provável que em memória daquele, criou em ouro a moeda o Espadim ou Meio Justo, semelhante aos espadins batidos em bilhão do reinado anterior.

Durante este reinado houve a continuidade do lavramento dos cruzados, com as mesmas características tipológicas dos batidos pelo “Africano”, mantendo o peso e a mesma liga de ouro, 23,  $\frac{3}{4}$  quilates (989,6). Porém, a partir da reforma de 1485, foram instituídas algumas alterações nas Armas do Reino, e sobretudo nas legendas onde passam a prevalecer as letras latinas, em substituição às letras góticas; a cruz da Ordem de Avis, anteriormente representada sob o escudo das quinas, é excluída; o número de sete castelos é instituído sobre a bordadura do escudo. O valor nominal da moeda atinge 380 reais, em 1489, aumentando consideravelmente o prestígio e a soberania de D. João II, intitulado nas legendas “Senhor da Guiné”.

<sup>4</sup> GOMES, A. ET TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var.

<sup>5</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var. .

<sup>6</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59.

<sup>7</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var.

<sup>8</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var.

| Número | Espécie | Governante | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|---------|------------|-----------|--------|------|
| 6      | Cruzado | D. João II | 22,2      | 3,52   | 8    |
| 7      | Cruzado | D. João II | 21,8      | 3,53   | 2    |
| 8      | Cruzado | D. João II | 22,6      | 3,56   | 6    |
| 9      | Cruzado | D. João II | 22,9      | 3,55   | 3    |
| 10     | Cruzado | D. João II | 22,0      | 3,53   | 5    |
| 11     | Cruzado | D. João II | 22,4      | 3,55   | 6    |

MAN 6<sup>9</sup>MAN 7<sup>10</sup>MAN 8<sup>11</sup>MAN 9<sup>12</sup>MAN 10<sup>13</sup>MAN 11<sup>14</sup>

<sup>9</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº. A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var. RODRIGUES D'ALMEIDA, Vilma, nº 071, p. 109, var.

<sup>10</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº J2 20. 05, p.82, var.

<sup>11</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº A5 34.03, p.58, var. A5 35.02, p. 59 var.

<sup>12</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº J2 21. 01, p.83, var.

RODRIGUES D'ALMEIDA, Vilma, nº 073, p.110, var.

<sup>13</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., nº J2 21. 01, p.83, var. tipo y leyenda.

<sup>14</sup> RODRIGUES D'ALMEIDA, Vilma, nº 071, p.109, var. de tipo y leyenda.



### D. JOÃO II, “O Príncipe Perfeito” (1481 – 1495): Espadim ou Meio Justo (um exemplar).

Cunhada em Lisboa a partir de 1489, o espadim ou meio justo foi batido em ouro 22 quilates, no valor de 300 reais, equivalente a meio justo. Quanto a tipologia, a moeda apresenta grande semelhança ao espadim batido em bilhão por seu pai, D. Afonso V, o que é bem provável haver sido criado em homenagem ao Africano.<sup>15</sup>

O exemplar exibe no anverso o escudo real coroado entre aneletes, e no reverso a mão segurando a lâmina de uma espada, inserida em um ornato de estilo gótico formado por um quadrilóbio com linhas duplas.

| Número | Espécie | Governante | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|---------|------------|-----------|--------|------|
| 12     | Espadim | D. João II | 21,8      | 3,01   | 3    |



MAN 12<sup>16</sup>

### D. Manuel I “O Venturoso” (1495 – 1521), Cruzado (dois exemplares).

Durante esse reinado o sucesso das expedições, o prestígio e a soberania do monarca junto às demais nações proporcionaram a produção de variados tipos de moeda. D. Manuel foi intitulado “MAUEL I REI DE PORTUGAL DOS ALGARVES DAQUÉM E ALÉM MAR EM AFRICA SENHOR DA GUINÉ DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMERCIO DA ETIÓPIA, ARÁBIA, PERSIA E ÍNDIA.”

Sob D. Manuel I houve a continuidade da cunhagem dos cruzados, cujo valor aumentou para 390 reais, em 1496, e para 400 reais, em 1517, subsistindo até 1555. Batidos nas Casas da moeda de Lisboa e do Porto, os tipos são semelhantes aos dos reinados anteriores e pesavam c. de 3,62 g. A cruz do reverso aparece cercada de pontos surgindo, também, estrelinhas singelas.

<sup>15</sup> Cf. GOMES, A. E TRIGUEIROS, A. M., p.84.

<sup>16</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., n.º J2 18. 06, p.84, var. tipo y leyenda. RODRIGUES D’ALMEIDA, Vilma, n.º 079, p.114, var. de tipo y leyenda.

| Número | Espécie | Governante  | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|---------|-------------|-----------|--------|------|
| 13     | Cruzado | D. Manuel I | 22,0      | 3,38   | 3    |
| 14     | Cruzado | D. Manuel I | 22,0      | 3,55   | 9    |

MAN 13<sup>17</sup>MAN 14<sup>18</sup>

### D. João III (1521 – 1557), São Vicente (um exemplar).

Durante o governo de D. João III surgem muitas moedas tipologicamente distintas, batidas em ouro, prata e cobre em consequência da expansão ultramarina. Batidas nas Casas de Lisboa e do Porto, em ouro 921, 9, no valor de 1000 reais; pesavam c. de 7,65 g.

A reforma monetária de 1555 favoreceu a criação de novas moedas de ouro: O São Vicente e o Meio São Vicente foram batidos em homenagem ao santo padroeiro da cidade de Lisboa.<sup>19</sup> De grande prestígio junto ao comércio internacional, circularam até 1560 no governo de D. Sebastião. A figura do santo, idealizada por Antonio e Francisco d'Holanda aparece de corpo inteiro, ostentando a palma e a caravela. O estudo metrológico do exemplar analisado mostra que a moeda apresenta peso inferior acentuado em relação aos tipos conhecidos, levando a crer que o mesmo fora aviltado.

| Número | Espécie     | Governante  | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|-------------|-------------|-----------|--------|------|
| 15     | São Vicente | D. João III | 30,3      | 5,05   | 4    |

MAN 15<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Op. Cit. p. 155.

<sup>20</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., n.º J3 102.01, p.155, var. PORTUGAL, Norma. n.º 132, p.177, var.

### D. Sebastião I (1557 – 1578), “O Desejado” Quinhentos reais – Lisboa (um exemplar).

Durante este reinado a cunhagem em ouro se manteve com as mesmas características das emissões anteriores, só havendo modificações a partir da lei de 1560. Esta determinou a emissão de novos tipos monetários e a extinção de outros antigos, de modo a coibir a falsificação de moedas de cobre e o aviltamento (cerceio) da moeda de ouro, hábito muito comum durante este período. A moeda de 500 reais foi batida em ouro 22 quilates e um oitavo (921,9), com peso do meio São Vicente, c. 3,82 g, nas Casas de Lisboa e do Porto, pela mesma lei de 2.01.1560 que determinou a suspensão da cunhagem dos São Vicentes e meios São Vicentes. A cruz da Ordem de Cristo retorna ao campo do reverso, evolvida pela célebre legenda: IN HOC SIGNO VINCES

| Número | Espécie   | Governante   | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|-----------|--------------|-----------|--------|------|
| 16     | 500 Reais | D. Sebastião | 24,2      | 3,70   | 9    |



MAN 16<sup>21</sup>

### Da Dinastia de Bragança:

#### D. João IV “O Restaurador” (1640 – 1656) 4 Cruzados contramarcado sob D. Afonso VI “O Vitorioso” (1656 – 1667) e D. Pedro Príncipe Regente (1667 – 1683)

O governo do restaurador da monarquia portuguesa caracterizou-se por uma série de conturbações causadas pela guerra contra Espanha. O excessivo gasto com os movimentos militares, a escassez do ouro e da prata e o alto custo que esses metais alcançavam no mercado contribuíram para o enfraquecimento econômico do Reino de Portugal. O soberano procurou reconstruir a nação, política e economicamente, criando leis que viessem de encontro à valorização da moeda já existente no Reino. Procurava atrair ao mercado todo

<sup>21</sup> GOMES, A. et TRIGUEIROS, A., n.º Se 31.03, p.202, var.  
LIMA, Vera Lúcia. n.º 168, p.208, var.

dinheiro antigo amoeado e, ainda, o ouro e a prata existente. Proíbe a saída do dinheiro nacional e estrangeiro do território português, inclusive o que circulava nas colônias que se encontravam sob seu domínio, e ratifica leis que procuravam impedir a fraude contra a moeda.

Sob D. João IV ocorreu a recuperação de territórios no Brasil que se encontravam nas mãos dos holandeses, além de outros na África.

Moeda de 4 cruzados cunhada, em Lisboa, sob D. João IV pela lei de 29.03.1642, em ouro 916,6, datada 1646. A princípio valia 3.000 réis, passando a valer 3.500 réis pelo alvará de 19.05.1646. Durante o governo do Restaurador, inicia-se propriamente dito o costume de se datar as moedas portuguesas, o que aparece em algumas espécies, como neste exemplar onde a cruz do reverso aparece cantonada pelos numerais referentes à data. A espécie apresenta dois carimbos coroados, um de 4, correspondente a 4.000 réis determinado pela lei de 20 de novembro de 1662 de D. Afonso VI e a contramarca coroadada 4.400, determinada pelo alvará de 12 de abril de 1668, instituída durante o governo de D. Pedro, Príncipe Regente, alterando seu valor para 4.400 réis.

| Número | Espécie    | Governante | Módulo mm | Peso g | Eixo |
|--------|------------|------------|-----------|--------|------|
| 17     | 4 Cruzados | D. João IV | 33,5      | 12,01  | 9    |



MAN 17<sup>22</sup>

<sup>22</sup> GOMES, A. nº PR 17.07, p. 195, var.  
GOMES, A. Nº 35.04, P. 285.

## PRINCIPAIS LEGENDAS DAS MOEDAS PORTUGUESAS DE OURO DA COLEÇÃO DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL:

### D. AFONSO V (1438 – 1481)

#### CRUZADOS

#### LISBOA SLM

- + CRVZATVS: ALFONSVS: QVINT
- + CRUZATVS: ALFONSI: QVINTI: R
  
- + CRVZATVS: ALFONSVS: QVINT
- + ALFONS: QVINTI: REGIS: PORT
  
- + CRVZATVS: ALFONSVS: QVIN
- + ALFONS: QVINTI: REGIS: PORT
  
- + CRVZATVS: ALFONSI: QVINTI: REGIS:
- + ADIVTORIVM: NOSTRVM: IN: NOMIE
  
- + CRVZATVS: ALFONSI: QVINTI: REGIS:
- + ADVTORIVM: NOSTRVM: IN: NOM

### D. JOÃO II (1481 – 1495)

#### CRUZADOS

#### LISBOA SLM

- + IO – ANES: SEGUNDO: REG – IS:
- + IOANIS: SEGUDI: REGI: PORTU:
  
- + IOANES: SEGVDO: REGIS: POR
- + IOANES: SEGVDI: REGI: PORTU
  
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVINEE
- + IOHANER: II: R: P: ET: A: D: GVINE
  
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVINEE
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVINEE
  
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVIN
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVI
  
- + IOHANES: II: R: P: ET: A: D: GVINI
- + IOHANES: II: R: A: D: GVINEE

**ESPADIM****LISBOA – .L.**

- + HNS: I.I. R. P. ET. ALG. DNS[...]: GVINEE
- + IOHANES: I. I. R. P. ET. ALG: DN S: GVINEE

**D. MANUEL I (1495 – 1521)****CRUZADO****LISBOA - SLM**

- + EMANVEL: P: R: P: ET: A: D: GVINEE
- + EMANVEL: P: R: P: ET: A: D: GVIN[E]
- + EMANVEL: P: R: P: ET: A: D: GVINEE
- + :I: EMANVEL. P: R: P: ET. A: D: GVINE:

**D. JOÃO III (1521 – 1557)****SAN VINCENT****LISBOA - SLM**

- + IOANNE[...] III. REX. PORTV. ET. [...]L[...]
- + ZELATO[...] [...]DEI – VSQVE AD MORTEM

**D. SEBASTIÃO I (1557 – 1578)****QUINHENTOS REAIS - LISBOA SLM**

- + SEBASTIANVS: I: REX: PO[...]TVG
- IN. HOC. SIGNO. VINCES

**D. JOÃO IV (1640 – 1656)****CARIMBOS COROADOS DE 4 y 4.400 SOBRE QUATRO****CRUZADOS – 1642. LISBOA - SLM**

- + IOANNES IIII D G REX PORTVGA
- IN. HOC. SIGNO. VINCES



**BIBLIOGRAFIA:**

ARAGÃO. A. C. Teixeira de. Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874. t.1.

GOMES. Alberto. Moedas portuguesas e do território que é hoje Portugal.

Catálogo das moedas cunhadas para o Continente e ilhas adjacentes, para os Territórios do Ultramar e Grao - Mestres Portugueses da Ordem de

Malta. Lisboa, Edição da Associação Numismática de Portugal, 2003, 4ª Ed..

GOMES. Alberto. Moedas Portuguesas. 1128 – 1988. Lisboa, Edição do Autor. 1987.

GOMES. Alberto e TRIGUEIROS, Antonio Miguel. Moedas portuguesas na época dos descobrimentos 1385 – 1580. Lisboa, Edição do Autor. 1992.

LIMA, Vera Lúcia. D. Sebastiao I O Desejado.

IN: Moedas Portuguesas da Época de los Descobrimentos. Coleção Museu Histórico Nacional – Brasil. Editado por Museu Histórico Nacional; Coordenação: Rejane Maria Lobo Vieira. 2000.

NERY. E. RVaz Cabral. Las emisiones monetarias del reinado de D. Alfonso V en la Colección de Numismática del Museo Histórico Nacional en Río de Janeiro. IN: Actas del XIII Congreso de Numismática. Editado por Carmen Alfaro, Carmen Marcos y Paloma Otero, MAN, Madrid, 2005.

PORTUGAL, N. Botelho. Joao III O Piedoso.

IN: Moedas Portuguesas da Época dos Descobrimentos. Coleção Museu Histórico Nacional – Brasil. Editado por Museu Histórico Nacional; Coordenação: Rejane Maria Lobo Vieira. 2000.

D'ALMEIDA. V. F. Rodrigues. D. Joao II O Príncipe Perfeito.

IN: Moedas Portuguesas da Época dos Descobrimentos. Coleção Museu Histórico Nacional – Brasil. Editado por Museu Histórico Nacional; Coordenação: Rejane Maria Lobo Vieira. 2000.

Crédito das imagens: MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL – MADRI – ESPANHA.

# TARAS/TARENTUM:

OS TIPOS “CAVALEIRO/HERÓI SOBRE DELFIM” NOS NOMOI  
DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

**Maricí Martins Magalhães**

## I - Taras ou Tarentum – Mito de Fundação

*Tarentum* ou melhor, a Grega Taras, foi a única colônia Lacônica ou seja, Espartana estabelecida na Magna Grécia. Segundo a tradição histórico-literária, foi fundada em 706 a.C.<sup>2</sup>, no grande golfo que se forma a sudeste da Península Itálica, banhada pelo Mar Jônio. As circunstâncias e citações sobre a fundação de Taras (usaremos aqui seu nome Grego) chegaram até nós através de numerosos documentos histórico-literários, mas principalmente pelas versões de Antíoco de Siracusa e de Éforo, exaustivas e muito interessantes, que transmitirei resumidamente<sup>3</sup>.

Pois bem, o exército de Esparta estava fora há 10 anos, lutando na Guerra contra a vizinha *Messene* (735-715 a.C.)<sup>4</sup>, tendo deixado a custódia da cidade aos mais jovens e aos mais anciãos. Ora, as mulheres Espartanas, preocupadas pela ausência de homens, reuniram-se e decidiram enviar emissárias para lamentar-se, alegando que enquanto soldados Espartanos morriam na guerra, elas sozinhas não podiam gerar novos guerreiros. Aceitando os argumentos das mulheres, mandaram retornar a Esparta os homens mais jovens, são e robustos, os quais ainda não tinham prestado juramento, com ordem

<sup>1</sup> Meus sinceros agradecimentos à FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, que vem patrocinando meu projeto de pesquisa (*Moedas Itálicas, Italiotas, Siceliotas e Gregas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro*) há dois anos. Sou ainda muito grata à Direção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro: à Prof<sup>a</sup> Vera Lúcia Bottrel Tostes, Diretora; à Dr<sup>a</sup> Ângela Cardoso Guedes, Assessora de Comunicação e Supervisora; à Sr<sup>a</sup> Ruth Beatriz Caldeira, Coordenadora Técnica; à Sr<sup>a</sup> Eliane Rose Vaz Cabral Nery, Chefe do Departamento de Numismática; ao Prof. Luiz Aranha Correa do Lago, Curador da *Exposição Permanente de Moedas* do MHN, o qual gentilmente me permitiu consultar a SNG Copenhagen de sua biblioteca particular. Sou enfim devedora à Dr<sup>a</sup> Teresa Giove, Chefe do Medalheiro do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, e à Dr<sup>a</sup> Matilde Romito, Diretora dos Museus Provinciais do Salernitano; ambas, com grande simpatia, me acolheram nas suas respectivas bibliotecas e me consentiram a consulta das outras SNGs aqui mencionadas. Um voto de gratidão ao caríssimo Prof. Emanuele Greco, atualmente Diretor da *Scuola Archeologica Italiana di Atene (SAIA)*, cujos preciosos ensinamentos sobre a sua *Taras/Tarentum*, na então *Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”*, foram de fundamental importância para incentivar meu interesse pelas pesquisas Magno-Gregas. As fotografias foram executadas por Laetitia Le Corre e Cleber José das Neves Reis.

<sup>2</sup> Eus., Chron. p. 91 Helm.

<sup>3</sup> Cf. Antioch., FGrHist. 555 F. 13, apud Strab., VI 3, 2; Ephor. FGrHist. 70 F. 216, apud Strab. VI 3,3. Todos os outros documentos que mencionam tal fundação são exaustivamente fornecidas em LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995, pp. 263 e ss. Vd. ainda um bom resumo em GRECO 1981-A, pp. 177-178 e, para a História Institucional, NAFISSI 1991, pp. 35-51.

<sup>4</sup> A Primeira Guerra Messênica ocorreu de 735-a 715 a.C., cf. quadro de NAFISSI 1991, p. 347.

para que se unissem com todas as jovens virgens; e sendo assim, os filhos que nasceram de tais uniões foram chamados *Parthenios* (neste caso, “filhos das virgens”). Bem, passados 19 anos da guerra e vencida *Messene*, os Espartanos regressaram à pátria, mas não reconheceram a estes *Parthenios* os mesmos direitos civis, com o pretexto de que não nascidos de legítimo matrimônio (julgados *Átimoí*, ou seja, “sem honra, indignos”)<sup>5</sup>. Unidos aos *Hilotas* (aqueles que não foram à guerra, condenados à servidão), estes jovens fizeram uma conjuração, mas foram delatados e presos; no entanto seus pais de sangue intervieram a seu favor. Assim, decidiu-se enviar o chefe da revolta, chamado *Phalanthos*, a *Delphoi*, para interrogar o oráculo de *Apollon*, que o aconselhou a partir de Esparta e fundar uma *apoikía* (colônia) no Ocidente, num local com terra rica chamada *Satyriaion*, que se chamaria *Taras*, e tornar-se-ia o “flagelo dos *lapygios*” ou seja, população que ali habitava. E assim partiram...

Na verdade, os testemunhos arqueológicos<sup>6</sup> demonstraram que a localidade que até hoje tem o nome de Sature (a nossa *Satyriaion*), pouco a sul do centro urbano de *Taras*, foi o primeiro núcleo dos Lacônicos a ser ocupado, com o abandono do local das populações indígenas; e só posteriormente no istmo ou pequena península mais a norte, seria fundada a colônia de *Taras* propriamente dita. Além disso, o próprio nome do local onde surgiria uma fonte ou nascente, seria derivado do de uma ninfa local epônima chamada *Satyrá* ou *Satyria*, amada por *Poseidon*, por sua vez uma das divindades em auge junto aos Tarentinos. Da união entre o deus e a ninfa teria nascido o herói também epônimo *Taras*, um rio que escorria nas imediações, e que justamente emprestará seu nome à colônia. E todos estes personagens da narrativa mítica veremos representados em sua amoedação: a ninfa *Satyrá*, seu filho *Taras*, o qual eventualmente será confundido com o *oikistés* (ecista ou fundador) *Phalanthos*, sobre os quais falaremos a seguir.

33

## II – Breve História da Colônia<sup>7</sup>

Falando em breves “pinceladas” dos acontecimentos que marcaram a sua História, sabemos que o centro sofreu duras perdas com a batalha contra os *lapygios* (a população nativa) em 473 a.C., com a queda do partido oligárquico e a instauração de um governo democrático. Depois da metade do século conseguiram expulsar estes indígenas com o auxílio da recém-fundada *Thurium*, e em 432

<sup>5</sup> Ainda Antíoco (no trecho citado) narra que os Espartanos decretaram a escravidão de todos os Lacedemônios que não participaram da campanha contra *Messene*, e os chamaram *Heilotes* (transcrito como *Hilotas*); os *Parthenos*, chamaram *Átimoí*, isto é, sem *timé* (“honra”).

<sup>6</sup> Sobre os testemunhos arqueológicos de Sature e de Tarento, vd. GRECO 1981-A, pp. 178-188; ID. 1981-B, pp. 139-157, para seu desenvolvimento urbano; ID., 1992, pp. 143-145 e *passim*; GUZZO 1982, pp. 374-382; LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995, pp. 31-52.

<sup>7</sup> Cf. GRECO 1981, pp. 177-182; STAZIO 1983, pp. 139-141; LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995, pp. 17-27.

a.C. participaram na fundação de outra colônia, *Heraclea*. No IV séc. a.C., época do seu maior desenvolvimento, participou como líder da chamada “Liga Italiota”, primeiramente sediada em *Croton* e depois em *Heraclea*. Ainda neste período (366-360 a.C.) a cidade foi governada pelo filósofo pitagórico *Archytas*, *strategós* (general). Sempre devido às dificuldades com invasões de povos vizinhos, *Taras* recebeu auxílio da Grécia, através de quatro expedições lideradas respectivamente por *Archidamus* de Esparta (340 a.C.), *Alexander* o Molosso (334-330 a.C.), *Cleonymus* de Esparta (302 a.C.) e finalmente *Pyrrhus* do Epiro (282 a.C.). Depois que este último retornou à pátria, *Taras* caiu nas mãos dos Romanos (272 a.C.), como a *civitas foederata* denominada *Tarentum*, tendo um grande número de cidadãos deportados como reféns, entre os quais o poeta *Livius Andronicus*. Em 213/212 a.C. a cidade foi entregue a Aníbal, mas logo em 209 a.C. recapturada por *Q. Fabius Maximus*, que a puniu severamente por sua traição à *Urbs*. Em 122 a.C. foi ali deduzida a colônia Romana de *Neptunia*, e em 89 a.C. (Guerra Social) tornou-se *municipium*.

Sobre sua vida econômica e social, segundo Stazio<sup>8</sup>, *Taras* foi considerada uma democracia atípica, modelo de equilíbrio entre as partes sociais e exemplo de concórdia entre aristocracia e *demos*. Tal sociedade consistia num rico grupo de proprietários terrieiros que se dedicavam também a culturas especializadas renomadas na região (vinha e oliveira), ou à criação de ovinos e de cavalos; e de fato muito célebre foi a cavalaria Tarentina, indispensável especialmente na luta contra as populações Messápicas vizinhas. Além disso, recorde-se aqui seu porto, a primeira e mais importante escala para quem viesse da Grécia e dentre os mais seguros do Mediterrâneo. Nas suas imediações havia um numeroso núcleo de pescadores e marinheiros organizados em associações, artesãos, e uma infinidade de comerciantes de lã, de hortaliças, frutas e de floricultores. Esta variedade de formas econômicas e a necessidade dos comerciantes de trocar moeda explicaria, em parte, a abundância de frações na amoedação Tarentina desde a primeira metade do V séc. a.C.

### III – Amoedação

Sobre a amoedação Tarentina, podemos dizer que o *standard* adotado para as suas cunhagens em prata, por volta de 510 a.C., foi o das cidades Aqueias da Itália Meridional, o chamado *nomos*<sup>9</sup> de gr. 7,8-8,0, igualmente com a técnica incusa. Também como nas outras cidades como *Sybaris*, inicialmente as denominações menores eram

<sup>8</sup> STAZIO 1983, p. 140.

<sup>9</sup> Cf. Arist. Fr. 590 Rose, apud Poll., IX, 80: *Noúmmos*. Adotarei aqui a denominação *nomos*, também utilizada e.g. por RUTTER 1997, p. 80 e *passim* e HNI 2001, p. 93 e ss., enquanto alguns estudiosos adotam a denominação *stater* (KRAAY 1976, p. 367 e STAZIO 1983, p. 139 e 148), e ainda outros chamam “didracma” (FISCHER-BOSSERT 1999, *passim*).

os terços e os sextos, sendo somente mais tarde dividido este *nomos* em metade (dracma), dióbolo, litra e óbolo, produção esta muito abundante<sup>10</sup>. *Taras* também cunhou em ouro na época de *Pyrrhus* (à qual já se acenou), e sua escarsa produção brônzea foi relativamente tardia em confronto com as outras cidades da região, praticamente repetindo alguns tipos já representados na amoeção em prata.

1 - Sobre os tipos com cabeça feminina, identificado pela maior parte dos estudiosos com a ninfa *Satyra*, mãe do herói *Taras* (Fig. 1), já falamos exaustivamente em trabalhos anteriores, quando nos referimos aos personagens femininos retratados nas cunhagens desde o início de V séc. a.C. em *Cumae* (ninfa *Kyme*), *Neapolis* (sereia *Parthenope*), *Terina* (ninfa *Terina*), *Syracusae* (ninfa *Arethusa*), e não é mais necessário repetir tais comentários<sup>11</sup>.

2 - No que diz respeito ao personagem mítico que aparece montado sobre delfim<sup>12</sup> desde as primeiras cunhagens incusas e durante três séculos, poderia ser realmente a representação do seu filho *Taras* (Fig. 10-16), tendo em vista a antiga tradição que narra ainda o seu salvamento de um naufrágio por intervenção do pai *Poseidon*, o qual enviou um delfim, em cujo dorso o herói foi carregado até a costa.. Por outro lado, ainda alguns preferem ver no personagem que cavalga o delfim, o ecista histórico *Phalanthos*, pois numa narrativa preservada em Pausânias<sup>13</sup>, também este fundador, antes de chegar à Península Itálica, naufragou no Golfo de Crisa, sendo levado à terra por um delfim. Isso nos parece uma transferência mais tardia do próprio mito do herói *Taras*, mas obviamente é uma hipótese que não podemos descartar por falta de outra documentação. Enfim, não nos esqueçamos ainda que a figura sobre delfim recorda o mito de *Dionysos* dos Hinos Homéricos (VI, VII ou VIII, dependendo da edição) e por outros documentos histórico-literários, em que *Dionysos* é capturado por piratas Tirrenos em sua nave mas, transformando-se em leão, fez com que esses piratas se jogassem no mar aterrorizados, e transformou-os em delfins<sup>14</sup>. Recore-se enfim que o delfim também está ligado ao culto de *Apollon*, do qual seria um “predecessor zoomórfico”, e sob tal forma protegia as rotas marítimas e salvava marinheiros e tripulantes de naufrágios<sup>15</sup>. Ora, *Apollon* nos conduz ao culto de *Hyakinthos*, para alguns também presente na amoeção Tarentina<sup>16</sup>.

<sup>10</sup> Cf. CATALI 1995, p. 22; RUTTER 1997, pp. 52-53; HNI 2001, p. 93.

<sup>11</sup> KRAAY 1976, p. 175; RUTTER 1979, pp. 44-45; CANTILENA 1988, pp. 46-47; CATALI 1995, p. 34; MAGALHÃES 2007, pp. 5-28; MAGALHÃES 2008, p. 30; RUTTER 1997, pp. 54, 59, 61, 63 e 145. Duvida desta hipótese STAZIO 1983, p. 139: “...tradicionalmente, ma non sicuramente, identificata con la ninfa Satyra, madre di Taras...”.

<sup>12</sup> Sobre este, vd. entre outros, o recente trabalho de FISCHER-BOSSERT 1999, *passim* e pp. 410-423.

<sup>13</sup> Paus. X 13, 10. Sobre a dúvida entre o herói *Taras* e o ecista *Phalanthos*, vd. também STAZIO 1983, p. 139.

<sup>14</sup> DE'SPAGNOLIS 2004, pp. 41-47, a qual fornece todas as outras fontes.

<sup>15</sup> BRANDÃO 1988, p. 86.

<sup>16</sup> HNI 2001 843-846: Delfim/Homem sentado. Interpretado por alguns estudiosos como o ecista *Phalanthos* ou personagem ligado ao culto dionisiaco (RUTTER 1997, pp. 55-

3 – Na amoedação Tarentina aparecem ainda outros motivos marinhos ligados ao mito como a Concha (que ocorre repetidamente) com o Delfim (Fig. 2) e o *Hippocampus* (Fig. 3), alguns de âmbito provavelmente agonístico como a Roda (Fig. 4) <sup>17</sup> e o Cavalo (Fig. 5) e ainda outros tipos de prata ligados ao culto dionisiaco como o *Kantharus* (Fig. 6), onde aparece a marca de valor de dois a quatro glóbulos, sempre óbolos, não obstante a sua marca “oficial” de valor apresente na verdade cinco. Outro tipo coevo com sinal de dois glóbulos é o dos Dois Crescentes (Fig. 7), cujo valor ponderal oscila entre hemióbolo e três oitavos do óbolo. Enfim, o étnico dos Tarentinos aparecerá por extenso em genitivo ou abreviado de várias maneiras nas legendas.

4 - Temos ainda outros tipos comuns a outras cidades Italiotas como *Athena* combinada a *Herakles* em luta contra o leão de Neméia (Fig. 8) ou à coruja (Fig. 9) <sup>18</sup>. À parte o fato que *Athena* foi a grande protetora e aliada de *Herakles* contra a enciumada deusa *Hera*, o culto de ambas as divindades foi dentre os mais importantes praticados em *Taras*. Além disso, a aparição de tais tipos não é certamente casual, a partir do momento em que a cidade foi aliada da colônia Ateniense de *Thurium* (daí a *Athena*), para a fundação da sub-colônia comum, denominada justamente *Heraclea* (de *Herakles*, herói “nacional” dórico), da qual já se falou. Sejam os tipo de *Taras*, sejam os de *Heraclea*, terão estreita afinidade e semelhança, acrescentando-se ainda que sob o governo do já citado *Archytas*, a primeira foi chefe da mencionada Liga Italiota, e a segunda foi sua sede, sendo o *nomos* de *Taras* e de *Heraclea* chamado pelos antigos *Ἰταλικὸς νόμος* <sup>19</sup>.

5 -Enfim, outro tipo bastante freqüente na amoedação Tarantina, que deixamos para o final deste trabalho, é o famoso “Cavaleiro” (Fig. 10-17) dos *nomos* <sup>20</sup>. Este aparece combinado à figura sobre delfim por volta de aproximadamente 425-420 a.C., e permaneceu por mais de dois séculos de cunhagens, em séries sucessivas e com ricas variantes; demonstra também o nível artisticamente alto e a grande capacidade técnica dos artistas-incisores. Os cavalos são mostrados em todas as atitudes possíveis de movimento ou repouso; seu cavaleiro, nu ou com uma grande variedade de armas, mostra suas habilidades eqüestres na corrida, cavalgando “a pelo”, saltando ou trotando calmamente. Tais cunhagens celebram ao mesmo tempo, como bem observou Rutter <sup>21</sup>, o homem que coroa seu cavalo (como aparece com freqüência), pois a vitória pertence ao animal. Podemos encontrar aqui alusão a várias atividades hípicas: a conhecida cavalaria Tarentina, já mencionada

-56), enquanto outros não têm dúvida em reconhecer aqui *Apollon Hyakinthos* (LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995, pp. 146-147).

<sup>17</sup> Considerações sobre o início de tais tipos em KRAAY 1976, p. 175.

<sup>18</sup> Comentários em KRAAY 1976, p. 193.

<sup>19</sup> Sobre o assunto vd. LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995, pp. 135-136; RUTTER 1997, pp. 80 e 95.

<sup>20</sup> KRAAY 1976, pp. 175-176, 183-184 e 190-191; remeto ainda ao recente trabalho de FISCHER-BOSSERT 1999, *passim* e pp. 410-423.

<sup>21</sup> RUTTER 1997, p. 56.

no início<sup>22</sup>, o sucesso nos jogos eqüestres ou de hipódromo, uma ilustração dos festivais agonísticos e das exercícios militares ou próprio ato de “guerrear”, todos também ligados à esfera religiosa. Também é possível pensar em uma ligação ao culto dos *Diokouroi*, filhos gêmeos de Zeus, igualmente cavaleiros, ou à representação de um só deles, de qualquer modo ligados a *Esparta*<sup>23</sup>. Tais *nomoi* foram divididos em dez períodos por J. Evans já em 1889<sup>24</sup>, onde do primeiro ao sexto apresentam o padrão Itálico-Tarantino (até 280 a.C.), enquanto do sétimo ao décimo, um novo *standard* com cerca de 6,6 gr.<sup>25</sup>, como veremos nos oito exemplares do MHN. Dentre estes, os cinco primeiros pertencem aos primeiros períodos, e acompanham a cronologia proposta principalmente no trabalho exemplar de Fischer-Bossert<sup>26</sup>, que coincide em parte com aquela de HNI<sup>27</sup>; o sexto é atribuído à época de *Pyrrhus*, enquanto os dois últimos à fase posterior “Romana”.

#### IV – Catálogo das Ilustrações<sup>28</sup>

Devido ao grande número de moedas e tipos produzidos neste centro, restringiremos aqui os nossos comentários somente aos exemplares da coleção do MHN (também estes variados e numerosos, bem mais que uma centena), que foram comentados por tipo, e não por cronologia. A cronologia dos exemplares é indicada nas respectivas fichas técnicas que acompanham as ilustrações.

Somente na segunda seção, dedicada aos *nomoi* com os tipos ‘Cavaleiro/Herói sobre Delfim’, as peças serão apresentadas na ordem cronológica da seriação.

37

<sup>22</sup> HNI 2001, p. 94.

<sup>23</sup> CATALI 1995, p. 56.

<sup>24</sup> EVANS 1889.

<sup>25</sup> STAZIO 1986, p. 148: um fenômeno comum a vários centros Itálicos, e também adotado na segunda fase de emissões Romano-Campanas; vd. também HNI 2001, p. 93.

<sup>26</sup> FISCHER-BOSSERT 1999.

<sup>27</sup> HNI 2001.

<sup>28</sup> As fotos das moedas aqui apresentadas foram ampliadas, e não colocadas em escala.



**A – Tipos variados comentados na primeira parte do trabalho:**

1 - AR / Litra; mm. min. 8,5; max. 10,3; gr. 0,64

A/ *Petunculus*, dentro de um círculo linear.

R/ Cabeça de Ninfa (*Satyra*) à esq., com penteado curto.

Datação: c. 470-450 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1343 (*litra*); SNG Ashmolean 212-213 (*litrae*); SNG Copenhagen 791 (*litra*); SNG Delepierre 194 (*mas hemilitron*); SNG Euphratis 163; SNG Fitzwilliam 241 (*litra*); SNG Italia-Agrigento 8 (obolo); SNG München 721-722 (*litren*); Vlasto 1947, 1162-1163 (*litra*); HNI 2001, 840 (*litra*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.13.



2 - AR / Litra; mm. min. 10; max. 11,8; gr. 0,70

A/ *Petunculus*.

R/ Delfim à dir.; abaixo, *Athena Promachos*; à dir., Δ.

Datação: 325-280 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1493 (obol, *Athena Promachos*); SNG Copenhagen 1027 e 1046 (*obols*); SNG Fitzwilliam 378 (*obol, Athena Alkis*); SNG München 781 (*mas hemiobolo, Athena Promachos*); Vlasto 1947, 1501 (*litra, Athena Promachos*); HNI 2001, 979 (*litra*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.10.



3 - AR / Dióbolo; mm. min. 10; max. 10,6; gr. 1,23

A/ Delfim à esq.; abaixo, um glóbulo e um *petunculus*; c.p.

R/ *Hippocampus* à dir.

Datação: c. 500-480 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1336 (mas delfim à dir.); SNG Ashmolean 218 (*diobol*);

SNG Copenhagen 784, mas fig. 783 (dióbolo); Vlasto 1947, 1127-

1133 (dióbolo); HNI 2001, 829 (*sixth-stater*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.4.



4 – AR / *Litra*; mm. min. 7,5; max. 7,9; gr. 0,84

A/ *Petunculus*; c.p.

R/ Roda de quatro raios.

Datação: 480-470 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1328-1333 (*obols*); SNG Ashmolean 219 (*obol*); SNG

Copenhagen 783, mas fig. 784 (*obol*); SNG Delepierre 188; SNG

Evelpidis 161 (*litra*); SNG Fitzwilliam 239-240; SNG München 715-717

(*litren*); Vlasto 1947, 1106-1116 (*litra*); HNI 2001, 835 (*litra*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.2.



5 – AR /  $\frac{3}{4}$  de óbolo; mm. min. 8,5; max., 9,4; gr. 0,53

A/ Protome de cavalo à esq.

R/ Protome de cavalo à dir.; abaixo do focinho do animal, monograma KAA.

Datação: 325-280 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1566 e 1569 (*obols*); SNG Ashmolean 588 (variante com Π); SNG Copenhagen 1060 (*hemilitron*); SNG Delepierre 270 (mas R/ à esq.); SNG Fitzwilliam 408-410 (mas R/ à esq.); SNG München 791 (*obol*, variante com AP); Vlasto 1947, 1697 (pelo monograma, *tritemonion*); HNI 2001, 981 ( $\frac{3}{4}$  de óbolo =  $\frac{1}{16}$  de *stater*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.73.



6 – AR / Óbolo; mm. min. 9,8; max. 11,6; gr. 0,69

A/ Kantharos entre quatro glóbulos; à dir., Δ.

R/ Kantharos entre quatro glóbulos; abaixo, à dir., *Athena Promachos*.

Datação: c. 280-228 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1539-1555 (de maneira geral); SNG Ashmolean 571 (quatro glóbulos, variante com K) SNG Copenhagen 1071 (*trias?*); SNG Fitzwilliam 412 (pelos quatro glóbulos); Vlasto 1947, 1638 ou 1679; HNI 2001, 1076.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.63.



7 – AR / Hemióbolo; mm. min. 6,3; max. 7,2; gr. 0,18

A/ Dois crescentes acostados e dois glóbulos.

R/ Dois crescentes acostados e dois glóbulos.

Datação: 325-280 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1583-1585, 1587 e 1590 (*hemiobols*, pelos dois glóbulos); SNG Ashmolean 597-598 (denominação incerta); SNG Copenhagen 1082 (denominação incerta); SNG Delepierre 274; SNG München 796-797 (*hemiobole*); Vlasto 1947, 1756-1765 (3/8 *obols*); HNI 2001, 982 (*hemiobol*).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.70.



41

8 – AR / Dióbolo; mm. min. 13,2; max. 13,3; gr. 1,17

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático ornado com *Scylla*, à esq.

R/ *Herakles* nu à dir., ajoelhado, estrangulando o leão de Neméia; atrás do herói a clava; sobre o dorso do leão uma coruja.

Datação: 325-280 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1400-1407 (A/ à dir.); SNG Copenhagen 476 (A/ à dir.); SNG Fitzwilliam 353-357 (A/ à dir.); Vlasto 1947, 1322-1324 (A/ à dir.); HNI 2001, 976 (A/ à dir.).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.46.

Obs.: Nenhum confronto idêntico nas obras consultadas para o A/ com cabeça à esq., nem mesmo em *Heraclea*.



9 - AR / Dracma; mm. min. 15,6; max. 18,1; gr. 3,11

A/ Cabeça de *Athena* com elmo ático ornado com *Scylla*, à dir.

R/ TAP, no alto à dir.; coruja de asas fechadas, à dir., pousada sobre um ramo de oliveira ascendente à dir.; no alto à dir., API; no alto à esq. NEYMHNIOΣ.

Datação: 280-272 a.C. (HNI)

Cf.: SNG ANS 1316; SNG Ashmolean 446-447; SNG Copenhagen 956; SNG Delepierre 248; SNG Fitzwilliam 335; SNG München 708; Vlasto 1947, 1062; HNI 2001, 1015.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.56.



### **B - *Nomoi* com a cronologia dos tipos “Cavaleiro/Herói sobre Delfim”:**

10 – AR / *Nomos*; mm. min. 21,4; max. 22,1; gr. 7,36

A/ Cavaleiro nu, desmontando do cavalo que galopa à esq.; segura na mão esq. um escudo redondo.

R/ TA[PAΣ], abaixo; cavaleiro nu sobre delfim à esq., segurando *akrostolion* com a dir. e apoiado com a esq.; abaixo do delfim, Λ.

Datação: 415-390 a.C. (Fischer-Bossert)

Cf.: SNG ANS 873; SNG Ashmolean 246; SNG Copenhagen 802; SNG Delepierre 195; SNG Fitzwilliam 251; Vlasto 1947, 308-311; Fischer-Bossert 1999, 339t (grupo 26); HNI 849 (de modo geral).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.22.



Este é o exemplar cronologicamente mais antigo da coleção do MHN. No A/, descentralizado, o cavalo aparece galopando à esq. e o cavaleiro, nu, segura um escudo redondo. No R/ o personagem apóia a mão esq. sobre o dorso do delfim, e com a dir. segura um *akrostolion* ou *áphlaston* (borda superior frontal de navio); abaixo, Λ. A peça seria colocada no período II de Evans (chamado “intermediário”). A datação geral sugerida por HNI 2001 para os períodos I e II é de 425/420-380 a.C., mas optamos pela datação de Fischer-Bossert por ser mais específica.

11 - AR / *Nomos*; mm. min. 18,8; max. 19; gr. 7,61

A/ Cavaleiro nu, galopando à dir., com cabelos esvoaçantes; entre as patas do cavalo, letra Λ.

R/ Cavaleiro nu sobre delfim, segurando *akrostolion* na dir. e apoiado com a esq.; abaixo, Λ.

Datação: 390-380 a.C. (Fischer-Bossert)

Cf.: SNG ANS 891-892; SNG Ashmolean 252-254 (variantes); SNG Copenhagen 806; SNG Delepierre 198; SNG Fitzwilliam 252; SNG München 619 (sem Λ); Vlasto 1947, 365 ou 370; Fischer-Bossert 1999, 408j (grupo 28); HNI 870 (1), em geral.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.18.



No A/ o cavalo galopa à dir. e o cavaleiro já aparece montado, segurando rédeas, e com cabelos esvoaçantes, tendo abaixo um Λ. No R/ o tipo se repete, quase exatamente como no exemplar anterior. Seria compatível com o período III de Evans (época de *Archytas*) e, segundo HNI 2001, poderia ser datada entre ca. 380-340 a.C.

12 - AR / *Nomos*; mm. min. 18,7; max. 20,3; gr. 7,67

A/ Cavaleiro nu, a passo de cavalo, à dir., com cabelos esvoaçantes; abaixo, entre as patas do cavalo, Θ.

R/ ΤΑΡΑΣ, abaixo; cavaleiro nu sobre delfim à esq., com cabelos esvoaçantes; acima da calda do delfim, Σ.

Datação: 380-355 a.C. (Fischer-Bossert)

Cf.: SNG ANS 938-940; SNG Ashmolean 270 (variante com X); SNG Copenhagen 820; SNG Fitzwilliam 259 (variante); SNG München 629; Vlasto 1947, 450-452; Fischer-Bossert 1999, 581h (grupo 38, pelo Θ); HNI 879 (de modo geral).

Inédita. Reg. n. 1924.1169.19.



Neste terceiro exemplar, cavaleiro e cavalo aparecem em repouso, o primeiro segurando rédeas com a mão esq. e a dir. apoiada, o segundo com a pata esq. levantada, no ato de iniciar um passo; abaixo, Θ. No R/ o tipo é ainda semelhante aos dois precedentes, mas o cavaleiro tem a mão dir. estendida simplesmente, e uma letra Σ aparece acima da calda do delfim. Também colocada no período III de Evans (período de Archytas), segundo HNI 2001 entre 380-340 a.C.

13 - AR / *Nomos*; mm. min. 19; max. 20,2; gr. 7,80

A/ Cavaleiro galopando nu à dir.; na frente, *phallos*; abaixo, O ou Θ.

R/ ΤΑΡΑΣ, abaixo; cavaleiro nu sobre delfim à esq., com a mão esq. apoiada e o braço dir. estendido; acima da cauda do delfim, parte de X.

Datação: 380-355 a.C. (Fischer-Bossert).

Cf.: SNG ANS 944-948 (de maneira geral); SNG Ashmolean 272 (variante de cunho); SNG Copenhagen 821 (variante com Π), mas também A/ de 819-820 (com O); SNG Fitzwilliam 259; SNG München 632; Vlasto 1947, 467-468; Fischer-Bossert 1999, 595b (grupo 39); HNI 880.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.17.





No A/ o cavaleiro, galopando, segura as rédeas com a mão esq. e se apóia com a dir.; abaixo, O (que aparece em algumas SNGs e em HNI) ou Θ (segundo FISCHER-BOSSERT, *sub numero*) e na frente o símbolo do *phallus*. O R/ é semelhante aos precedentes, mas acima da cauda do delfim, bem na borda, parte de X. Também entra no período III de Evans (sempre *Archytas*), segundo HNI 2001 entre cerca de 380-340 a.C.

14 - AR / *Nomos*; mm. min. 19,6; max. 20,3; gr. 7,70

A/ Cavaleiro nu galopando à dir., com cavalo empinado; c.l.

R/ TAPAΣ, acima à dir.; cavaleiro nu sobre delfim à esq.; segura fuso na mão esq. e se apóia com a dir.; abaixo, ondas marinhas; à esq., águia; abaixo, [Φ]I.

Datação: 325-281 a.C. (Fischer-Bossert, de maneira geral), mas preferivelmente até 302 a.C.

Cf.: SNG ANS 982-989 (variantes com letras no R/); SNG Ashmolean 282 ou 287 (pelas ondas combinadas às patas dianteiras do cavalo); SNG Copenhagen 840-842 (pelo R/ e pelas patas do cavalo de A/); SNG Delepierre 204; SNG Fitzwilliam 269-270 (variante); SNG München 643 (pelas ondas e pelo tipo do cavalo); Vlasto 1947, 580 (pelo R/, pelas patas do cavalo de A/); Fischer-Bossert 1999, 1067j (grupo 78a); HNI 933.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.20.



No A/ é visível unicamente a protome do cavalo, à dir. (e não o cavaleiro), e parte da orla linear, porque é descentralizado, portanto só é visível 1/3 do cunho.

Com esta peça fazemos um salto cronológico e estilístico. O tipo de A/ é reconhecível pelas patas dianteiras empinadas, mas sabemos, pelos exemplares melhor conservados, que o cavaleiro segura lança inclinada na mão dir. No R/ o personagem apóia a dir. na frente e com a esq. abraça um fuso. A legenda passa para o campo superior dir., dando lugar, abaixo, a ondas marinhas; à esq., na borda, parte de uma águia; abaixo, pouco visível, [Φ]I. Período Evans V (preferivelmente de Alexander o Molosso a *Kleonymos* de Esparta), e cf. HNI 2001 datada entre ca. 332-302 a.C.

15 - AR / *Nomos*; mm. min. 20,4; max. 21,4; gr. 6,02

A/ Cavaleiro nu, a passo, à dir., que se coroa; abaixo, T; mais abaixo, coluna jônica; atrás, ΙΩ; abaixo, N.

R/ Cavaleiro nu sobre delfim, à esq., carregando fuso na esq. e ramo de oliveira na dir.; à dir. AN[Θ].

Datação: c. 281-272 a.C. (Período Evans VII, HNI)

Cf.: SNG ANS 1142-1150 (variantes); SNG Ashmolean 339-341; SNG Copenhagen 898-899; SNG Delepierre 236; SNG Fitzwilliam 310-311; SNG Italia-Agrigento 12 (variante); SNG München 675-677; Vlasto 1947, 803-807; HNI 1014.

Inédita. Reg. n. 1924.1169.16.



Com este exemplar fazemos outro salto cronológico e iniciamos uma nova fase de Taras, relativa aos *nomoi* de peso reduzido da época da hegemonia de *Pyrrhus*. No A/ aparece o cavaleiro a passo lento, que se coroa, além de um maior número de letras (T, ΙΩ, N) e o símbolo da coluna jônica. No R/ o personagem ainda abraça o fuso com a esq., mas a dir. leva um ramo de oliveira; pouco visível à dir., as iniciais AN ou AN[Θ]. Classificado no grupo VII de Evans (*Pyrrhus*), cf. HNI 2001 *sub numero* e p. 102.

16 – AR / *Nomos* (forrado); mm. min. 17,6; max. 18,3; gr. 4,28  
 A/ Cavaleiro nu, cavalcando à esq., coroadando seu cavalo; à dir., ΣΥ.  
 R/ Cavaleiro nu sobre delfim à esq., brandindo tridente; atrás, coruja;  
 no braço esq., fita pendurada.  
 Datação: c. 272-240 a.C. (Período Evans VIII, HNI)  
 Cf.: SNG ANS 1164; SNG Ashmolean 347-353; SNG Copenhagen 915  
 (variante sem monograma); SNG Delepierre 239; SNG Evelpidis 165;  
 SNG Fitzwilliam 312-313; SNG Italia-Agrigento 13; SNG München  
 681-684; Vlasto 1947, 834-841; HNI 1025.  
 Inédita. Reg. n. 1924.1169.23.



47

Ainda nesta fase os *nomoi* continuam com peso bem reduzido, principalmente este exemplar por ser forrado. No A/ o cavaleiro cavalga à esq. enquanto coroa seu cavalo; acima à dir. um grande ΣΥ. No R/, o herói sobre delfim é mais delgado e estilizado, em ato de arremessar tridente com a dir, enquanto do braço esq., estendido, cai uma fita; atrás, coruja. Segundo HNI 2001, *sub numero*, cunhada sob o magistrado ΑΥΚΙΝΟΣ, tais exemplares pertencem aos anos em que a cidade foi uma *ciuitas foederata* em aliança com Roma (período Evans VIII).

17 - AR/ *Nomos*; mm. min. 19,3; max. 21,3; gr. 6,09  
 A/ Cavaleiro com couraça, galopando à dir.; na mão dir. erguida, lança ou haste.  
 R/ Cavaleiro nu sobre delfim à esq., segurando fuso na esq. e *kantharos* na dir.; atrás, ΔΙ e *amphora*.  
 Datação: c. 272-240 a.C. (Período Evans VIII, HNI)  
 Cf.: SNG ANS 1220-1224; SNG Ashmolean 393-394; SNG Copenhagen 930; SNG Delepierre 245; SNG München 694; Vlasto 1947, 904-906; HNI 1040.  
 Inédita. Reg. n. 1924.1169.21.



O nosso último exemplar, também de peso reduzido, pertence ao mesmo período do anterior (Evans VIII). Aqui, no A/, o cavaleiro galopa à dir., veste couraça, com a esq. segura as rédeas e com a dir. ergue lança inclinada. No R/ aparece o mesmo fuso abraçado com a esq. do personagem, o qual estende, com a dir., um *kantharus*; atrás dele, ΔΙ e *amphora*. Segundo HNI 2001, *sub numero*, cunhada sob o magistrado ΙΠΠΙΟΔΑ.

#### V – Referências Bibliográficas

BRANDÃO 1988

BRANDÃO, J. de S. *Mitologia Grega*. Vol. II. Vozes: Petrópolis, 1988

CANTILENA 1988

CANTILENA, R. *Monete della Campania Antica*. Napoli: Banca di Napoli, 1988.

CATALI 1995

CATALI, F. *Monete dell'Italia Antica*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1995.

DE'SPAGNOLIS 2004

DE'SPAGNOLIS, M. *Il mito Omerico di Dionysos ed i pirati Tirreni in un documento da Nuceria Alfaterna*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 2004.

EVANS 1889

EVANS, A.J. 'The 'Horsemen' of Tarentum'. *In: NumChron*. 1889, pp. 1-242.

FISCHER-BOSSERT 1999

FISCHER-BOSSERT, W. *Chronologie der Didrachmenprägung von Tarent, 510-280 v. Chr.* Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1999.

GRECO 1981-A

GRECO, E. *Magna Grecia*. Guide Archeologiche Laterza. Bari: Laterza, 1981.

GRECO 1981-B GRECO, E. 'Dal territorio alla città: lo sviluppo urbano di Taranto'. *In: AION ArchSt Ant*, III, 1981, pp. 139-157.

GRECO 1992

GRECO, E. *Archeologia della Magna Grecia*. Bari: Laterza, 1992.

GUZZO 1982

GUZZO, P.G. *Le città scomparse della Magna Grecia. Dagli insediamenti protostorici alla conquista romana*. Roma: Newton Compton Editori, 1982.

HNI 2001

RUTTER, N.K. (Principal Editor)-BURNETT, A.M.-CRAWFORD, M.H.-JOHNSTON, A.E.M.-JESSOP PRICE, M. *Historia Numorum. Italy*. London: The British Museum Press, 2001.

KRAAY 1976

KRAAY, C.M. *Archaic and Classical Greek Coins*. London: Methuen & Co. Ltd., 1976.

- LIPPOLIS-GARRAFFO-NAFISSI 1995  
LIPPOLIS, E.-GARRAFFO, S.-NAFISSI, M. **Taranto**. Collana Culti Greci in Occidente. Fonti scritte e documentazione archeologica I. Taranto: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1995.
- MAGALHÃES 2007  
MAGALHÃES, M.M. 'As moedas de Neapolis na coleção do MHN: iconografia e epigrafia monetária'. In: **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira**, n. 60, 2º Semestre de 2007, pp. 5-28.
- MAGALHÃES 2008  
MAGALHÃES, M.M. 'História e Iconografia das Moedas de Hyele Elea-Velia através da coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro'. In: **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira**, n. 61, 1º Semestre de 2008, pp. 27-51.
- NAFISSI 1991  
NAFISSI, M. **La nascita del Kosmos. Studi sulla storia e la società di Sparta.** ) Collana Università degli Studi di Perugia. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991.
- RUTTER 1979  
RUTTER, N.K. **Campanian Coinages, 475-380 BC**. Edinburgh: University Press, 1979.
- RUTTER 1997  
RUTTER, N.K. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily**. London: Spink, 1997.
- SNG ANS  
*Sylloge Nummorum Graecorum. The Collection of the American Numismatic Society.*
- SNG Ashmolean  
*Sylloge Nummorum Graecorum. Ashmolean Museum, Oxford.*
- SNG Copenhagen  
*Sylloge Nummorum Graecorum. The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum.*
- SNG Delepierre  
*Sylloge Nummorum Graecorum. France. Bibliothèque Nationale. Cabinet des Médailles, Collection Jean et Marie Delepierre, Paris.*
- SNG Evelpidis  
*Sylloge Nummorum Graecorum. Grèce. Collection Réna H. Evelpidis, Athènes.*
- SNG Fitzwilliam  
*Sylloge Nummorum Graecorum. Fitzwilliam Museum: Leake and General Collections.*
- SNG Italia-Agrigento  
*Sylloge Nummorum Graecorum. Italia. Agrigento, Museo Archeologico Regionale. Fondo dell'ex Museo Civico e altre raccolte del Medagliere.*
- SNG München  
*Sylloge Nummorum Graecorum. Deutschland, Staatliche Münzsammlung München.*
- STAZIO 1983  
STAZIO, A. 'Moneta e scambi in Magna Grecia'. In: PUGLIESE CARRATELLI, G. (org.), **Megale Hellas. Storia e civiltà della Magna Grecia**. Milano: Libri Scheiwiller 1983, pp. 105-169.
- VLASTO 1947  
RAVEL, O.E. **Descriptive Catalogue of the Collection of Tarentine Coins formed by M.P. Vlasto**, London: Spink and Son, 1947.

# QUADRO GERAL DOS NOMOI DE TARAS/TARENTUM (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO)

Maricé Martins Magalhães

| A/ Cavaleiro |      |                        |                | R/ Herói sobre delphic à esq. |                                               |                                             |                               | Geral               |                |                            |
|--------------|------|------------------------|----------------|-------------------------------|-----------------------------------------------|---------------------------------------------|-------------------------------|---------------------|----------------|----------------------------|
| Nº           | Lado | Tipo                   | Ação cavaleiro | Ação cavalo                   | Letras/<br>Nomes/<br>Símbolos                 | Mãos herói                                  | Letras/<br>Nomes/<br>Símbolos | Legenda             | Peso gr.       | Período<br>Datação<br>a.C. |
| 10           | à e. | nu com escudo redondo  | desmontado     | galopando                     |                                               | dir, segura<br><i>akrostolion</i>           | Λ (abaixo)                    | TA[PAΣ]<br>(abaixo) | 7,36           | Evans II:<br>415-390       |
| 11           | à d. | nu com duas rédeas     | montado        | galopando                     | Λ (abaixo)                                    | dir, segura<br><i>akrostolion</i>           | Λ (abaixo)                    | não visível         | 7,61           | Evans III:<br>390-380      |
| 12           | à d. | nu com uma rédea       | montado        | a passo                       | Θ (abaixo)                                    | dir, estendida                              | Σ (acima cauda)               | TAPAΣ<br>(abaixo)   | 7,67           | Evans III:<br>380-355      |
| 13           | à d. | nu com uma rédea       | montado        | galopando                     | O ou Θ (abaixo)                               | dir, estendida                              | X (acima cauda)               | TAPAΣ<br>(abaixo)   | 7,80           | Evans III:<br>380-355      |
| 14           | à d. | [nu com lança]         | [montado]      | [empinado]                    |                                               | esq., segura fuso                           | ondas marinhas (abaixo)       | TAPAΣ<br>(acima)    | 7,70           | Evans V:<br>325-302        |
| 15           | à d. | nu e se coroa          | montado        | a passo                       | IQ e N (à esq.)<br>T e coluna jônica (abaixo) | esq., segura fuso;<br>dir, ramo de oliveira | AN[Θ] (à dir.)                | não visível         | 6,02           | Evans VII:<br>281-272      |
| 16           | à e. | nu e coroa cavalo      | montado        | empinado                      | ΣΥ (acima)                                    | dir, segura tridente<br>esq., segura fita   | coruja (à dir.)               | TAPAΣ<br>(abaixo)   | 4,28 (forrada) | Evans VIII:<br>272-240     |
| 17           | à d. | encou-raçado com lança | montado        | galopando                     |                                               | esq., segura fuso<br>dir, <i>kantharos</i>  | ΔI e <i>amphora</i> (à dir.)  | não visível         | 6,09           | Evans VIII:<br>272-240     |

# CLASSIFICAÇÃO DAS VARIANTES DAS MOEDAS COLONIAIS BRASILEIRAS DE PRATA

**Marco Tulio Freire Baptista**

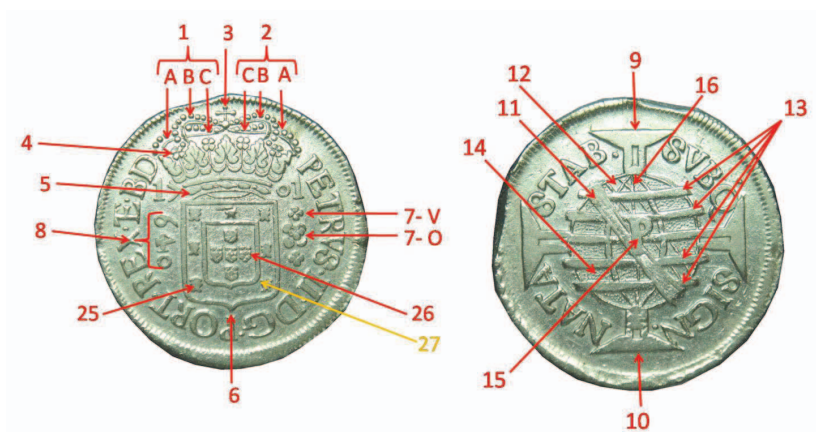
A intenção deste artigo é dar a oportunidade para novos colecionadores ingressarem no árduo, porém prazeroso, caminho da coleção e estudo das moedas brasileiras de prata do período Colonial e Reino Unido, com ênfase em suas variantes. Por este motivo estabelecemos objetivos múltiplos, quais sejam: dar uma noção de como se processou os primeiros estudos e normatizações neste campo da numismática brasileira; disponibilizar informações bibliográficas sobre as obras que consagraram a atividade (mesmo algumas sendo um tanto escassas no mercado ainda podem ser encontradas, com um pouco de paciência, garimpando-se os sebos e as lojas especializadas) e; por último, reproduzir informações necessárias e essenciais para o estudo, pesquisa e classificação de tais variantes. Peço desculpas aos *experts* do assunto, mas tenho em foco que os novos colecionadores de hoje serão o *experts* do futuro.

A problemática da classificação da numária brasileira é uma questão bastante trabalhada pelos pesquisadores, mas ainda não totalmente resolvida. Durante o período colonial, o Rei de Portugal D. Pedro II autorizou a criação da primeira Casa da Moeda no Brasil (na Bahia em 1694). A partir de 1695 esta iniciou a cunhagem de moedas com principal destaque para as moedas de prata. A precariedade dos cunhos, e suas frequentes fraturas, acarretava a necessidade de substituição e a confecção de novos cunhos. Daí existirem grandes quantidades de variantes de mesma data, principalmente nas moedas maiores, 640 e 960 réis.

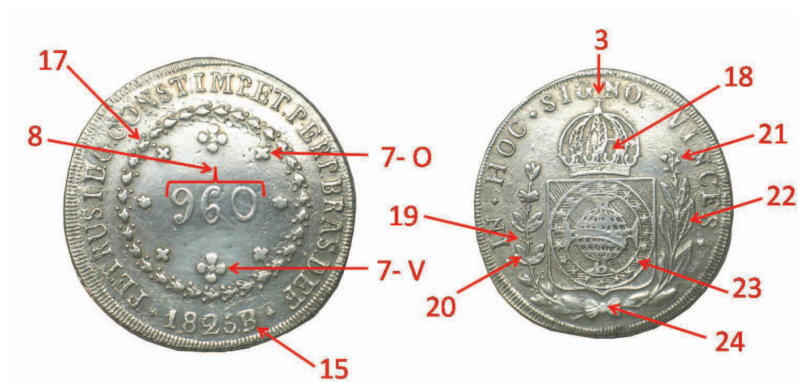
O primeiro pesquisador a realmente realizar um estudo sistemático e significativo que constasse a classificação das variantes de prata colonial foi Kurt Prober com o livro *Catálogo de Moedas Brasileiras de Prata*, publicado em 1947. Como o próprio autor afirmou no prefácio de sua obra, este foi um salto muito grande para a numismática brasileira de sua época e, durante o planejamento de sua obra, percebeu que muitos colecionadores não acompanhariam este salto, sendo necessário preparar os leitores metodologicamente para tal. Foi pensando assim que, enquanto seu catálogo de moedas de prata estava ainda em fase embrionária, lançou o *Manual de Numismática*, em 1944. Este manual fez grande sucesso entre os colecionadores, logo se esgotando. Por solicitação de muitos numismatas, Prober lançou no ano seguinte a segunda edição do manual, já revisada e ampliada.



Para que os jovens numismatas possam se iniciar na coleção das variantes de prata, reproduziremos a seguir a nomenclatura adotada e consagrada por Prober no seu Manual de Numismática a ser utilizada na descrição das minúcias destas moedas:



|     |                                                                            |     |                                    |
|-----|----------------------------------------------------------------------------|-----|------------------------------------|
| 1A  | Arco Externo Esquerdo                                                      | 2A  | Arco Externo Direito               |
| 1B  | Arco Intermediário Esquerdo                                                | 2B  | Arco Intermediário Direito         |
| 1C  | Arco Interno Esquerdo.                                                     | 2C  | Arco Interno Direito               |
| 3   | Cruz                                                                       | 4   | Florões do Diadema<br>(ou pérolas) |
| 5   | Diadema                                                                    | 6   | Ponta do Escudo                    |
| 7-O | Florão Oblíquo                                                             | 7-V | Florão Vertical.                   |
| 8   | Valor                                                                      | 9   | Bico da Esfera                     |
| 10  | Pé da Esfera                                                               | 11  | Zodiaco                            |
| 12  | Sombra do Zodiaco                                                          |     |                                    |
| 13  | Zonas (Trópicos – Capricórnio e Câncer – e Círculos Polares – Norte e Sul) |     |                                    |
| 14  | Campo da Esfera                                                            | 15  | Letra Monetária                    |
| 16  | Eixo da Esfera (meridiano)                                                 |     |                                    |



|    |                                                             |    |                          |
|----|-------------------------------------------------------------|----|--------------------------|
| 17 | Grinalda de Tulipas (nas moedas de cobre, Colar de Pérolas) |    |                          |
| 18 | Forro da Coroa (Imperial).                                  | 19 | Grãos de Café            |
| 20 | Folhas de Café                                              | 21 | Flores de Tabaco         |
| 22 | Folhas de Tabaco                                            | 23 | Estrelas                 |
| 24 | Laço Nacional                                               | 25 | Castelos                 |
| 26 | Escudetes                                                   | 27 | Escudinho <sup>1</sup> . |

Vivia-se um grande momento de entusiasmo na numismática brasileira. Poucos anos antes, a revista Numária, da Sociedade Numismática Cearense, no seu nº 3 de julho de 1936, divulgou a notícia espetacular da descoberta do único patacão de 1809, da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Esta notícia causou furor no meio numismático e levou muita gente a voltar seus olhos para as moedas de três patacas (como é chamada a moeda de 960 réis) e suas variantes. Identificar e classificar as variantes não era um processo muito fácil. Foi aí que Prober demonstrou sua genialidade, criando o primeiro método de identificação das variantes para os Patacões. A criatividade científica do método merece algumas linhas:

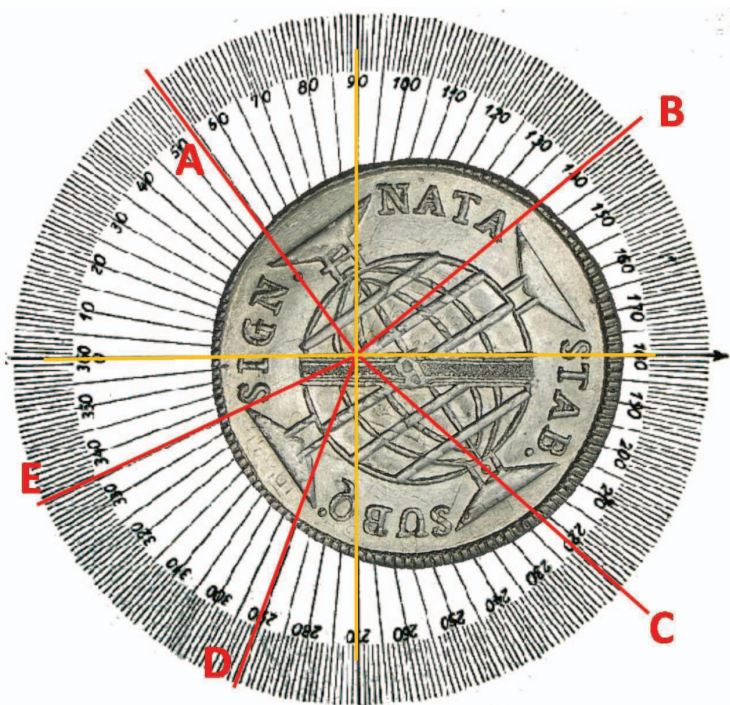
A base científica do método de Prober foi o fato de que cada vez que era confeccionado um novo cunho, este, feito manualmente, não guardava exatamente o mesmo posicionamento das legendas do cunho anterior, podendo-se, assim, medir esta variação de posição das legendas de forma a diferenciar cada variante.

Para a realização do trabalho, Kurt Prober utilizou um transferidor transparente de 360° (celulose, plástico ou acrílico) com o qual fazia a

<sup>1</sup> Nomenclatura introduzida por Lupércio. Berbert chama de escudo menor.

medição angular de cinco pontos padronizados. O posicionamento do transferidor para moedas coloniais era o seguinte: a medição ocorre no REVERSO; a linha horizontal ( $0^{\circ}$  -  $180^{\circ}$ ) do transferidor é colocada cobrindo a linha inferior do Zodíaco da esfera armilar (moeda de cabeça para baixo), desloca-se o transferidor horizontalmente de forma que o ângulo de  $90^{\circ}$  passa sobre o ponto onde o eixo corta a esfera no pólo Sul. A partir daí faz-se a leitura em graus dos segmentos angulares que partem da origem do eixo cartesiano e passam pelos seguintes pontos:

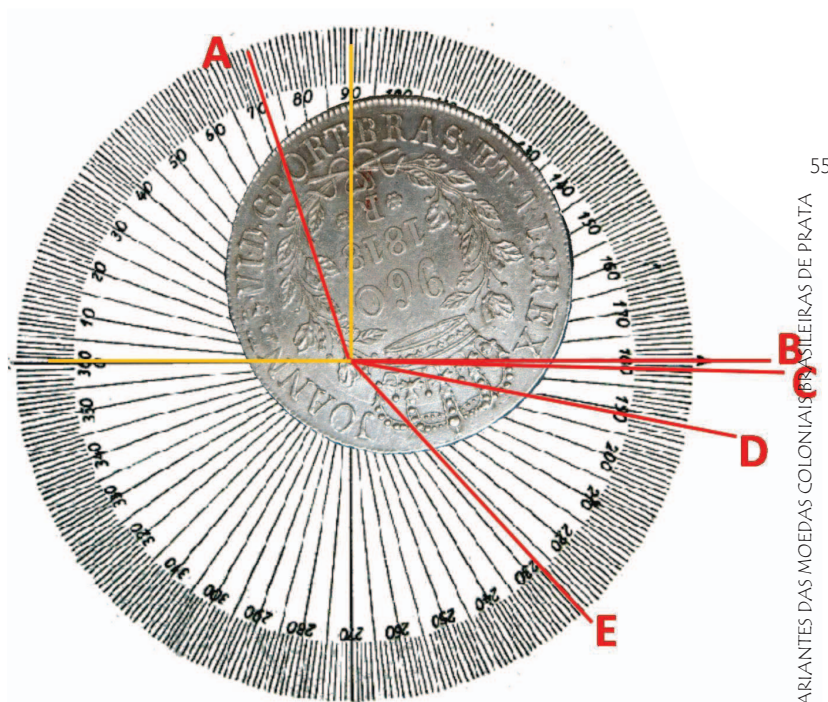
- A – Ponto da abreviatura SIGN;
- B – Ponta inferior do triângulo do braço esquerdo da cruz;
- C – Ponto do Bico da esfera;
- D – Ponto em que encosta na esfera, o traço superior do braço direito da cruz; e
- E – Ponta inferior do triângulo do braço direito da cruz.



Exemplo de leitura: 54X140X221X289X336

O posicionamento do transferidor para moedas do Reino Unido era feito da seguinte forma: a medição ocorre no ANVERSO; a linha horizontal do transferidor ( $0^\circ - 180^\circ$ ) era colocada cobrindo o seguimento que liga os dois últimos frutos (interno e externo) do ramo direito do café e, simultaneamente, o ângulo de  $90^\circ$  passa sobre o ponto depois de PORT. A partir daí faz-se a leitura angular dos segmentos angulares que partem da origem do eixo cartesiano e passam pelos seguintes pontos:

- A – 2º fruto interno do ramo direito;
- B – Ponto final da legenda, depois de REX;
- C – Primeira pérola do diadema;
- D – Pedra da folha do centro do diadema; e
- E – A primeira pérola superior do arco externo direito da coroa.



O Catálogo de moedas brasileiras de prata foi confeccionado na forma de uma grande tabela onde se pode identificar, primeiramente, o ano, seguido de uma série de dados importantes tais como serrilha,

orla, bico, pé, florões, etc, todos tabelados segundo o estabelecido no Manual de Numismática. Em seguida, nas minúcias, pode-se tirar a prova da variante com a medição acima descrita.

Quanto ao método de Prober, destaca-se que as moedas coloniais são medidas pelo reverso e as do Reino Unido são medidas pelo anverso. Daí surge um problema logo de início para os que querem todas as variantes de cunho: os cunhos de anverso e reverso são independentes, para classificar perfeitamente seria necessário ampliar o método para os dois lados do cunho.

A classificação de Kurt Prober atendeu perfeitamente aos anseios dos numismatas da época, contudo a medida que a atividade ganhava vulto aumentava a necessidade de uma classificação mais simples que garantisse aos compradores e vendedores de moedas decidirem por uma negociação de forma mais rápida e eficiente.

Em 1961, o numismata Luiz Nogueira da Gama Filho publicou o livro Carimbo de Minas – “960”, que tinha por objetivo classificar as variantes desta famosa contra-marca brasileira, aplicada sobre moedas de 8 reales espanholas. Nesta obra utilizou-se do método descritivo, o qual se mostrou muito eficiente na identificação dos cunhos de anverso e reverso. Incluiu novos cunhos descobertos depois do trabalho de Prober sobre o assunto, bem como provas e cunhos falsos, dando um passo a frente para a numismática brasileira. Embora a precisão do método tenha sido satisfatória, ficou claro que ao descrever uma variante, anverso e reverso, algumas destas se repetiam, formando novas combinações e fazendo-se descrições repetidas. Além disso era necessário criar uma nova classificação para cada combinação que aparecia. A solução foi o que ele chamou de Classificação Racional. Esta se constituía em classificar todos os cunhos de anverso e reverso, de forma independente e apenas publicar a listagem das combinações já encontradas. Segundo relata, procedeu desta forma por sugestão do numismata Dr. Alceu de Campos Pulpo e publicou esta nova classificação no Boletim da Sociedade Numismática Brasileira nº 19, ano VI, de janeiro de 1964. Este procedimento simplificou sobremaneira o trabalho de identificação e reduziu consideravelmente a necessidade de descrição de um mesmo cunho diversas vezes, ou seja, toda vez que aparece em outra combinação.

O exemplo de Luis Nogueira da Gama Filho serviu de laboratório para o passo seguinte, pois embora os cunhos do Carimbo de Minas permitissem grande número de combinações (nem todas ocorreram) estes se resumiam a 24 pares (anverso e reverso), embora nem todos tenham sido encontrados. O passo seguinte seria aplicar a classificação racional em todas as variantes de prata.

Neste sentido, em 1970, Renato Berbert de Castro publicou o “Catálogo dos 960 réis da Casa da Moeda da Bahia”. Em seu livro utilizou a metodologia descritiva para individualizar cada variante de cunho, e uma tabela iniciando cada data (variantes de anverso X variantes de reverso) com as variantes encontradas. A classificação foi



feita considerando-se cada variante como sendo o conjunto resultante de determinado anverso e reverso. Por exemplo: em 1810, a variante 7 era o conjunto resultante do anverso 2 com o reverso 6.

A ousadia de partir para um método descritivo aplicado a um grande conjunto (215 variantes dos 960 réis B) fez com que alguns lhe dirigissem a crítica de ser por demais minucioso nos detalhes e tornar o método cansativo, dificultando uma rápida identificação. Por outro lado, a descrição das minúcias é mais rápida e prática do que a medição de Prober e, também, fazem o deleite de numerosos numismatas. Críticas a parte, o método utilizado por Berbert possibilitou a identificação e catalogação de diversas outras variantes (Prober havia classificado 162 variantes de 960 B) e se mostrou mais prático para as negociações.

Seguindo a idéia do método descritivo, Lupércio Gonçalves Ferreira lançou em 1978 o primeiro volume de sua obra *Catálogo Descritivo dos Patacões da Casa da Moeda do Rio*, abrangendo 957 variantes das moedas de 960 réis do Período Colonial entre as dez datas estudadas, 1809 – 1818, (incluindo-se 12 variantes de 1816 Série Especial). Poucos anos depois, em 1981, publicou o segundo volume de sua obra, abrangendo 1145 variantes das moedas do Reino Unido e Império, entre treze datas estudadas de 1818 a 1834. Em 1986 publicou, ainda, o “*Catálogo das 960B*”, uma versão resumida da obra de Berbert para servir de referência rápida, extremamente útil para negociações. Neste livro também acrescentou algumas novas variantes descobertas depois de 1970.

Lupércio também investiu grande parte de seu tempo para o estudo das 640 réis, editando, também em 1986, o “*Catálogo Descritivo das Moedas de 640 Réis*”.

Nesta catálogo classificou 726 variantes desde 1695 até 1834, consagrando definitivamente o método descritivo para a classificação das variantes de prata. A classificação de Lupércio Ferreira foi fixada no anverso da moeda, ou seja, numerou de acordo com os aversos, dando um número e uma letra (1A, 1B, etc) para o conjunto, de acordo com as variantes de reverso. Este método de classificação facilita a introdução de novas variantes, pois se encontrando novo anverso ou reverso, estes podem entrar na sequência dos já conhecidos para determinada data.

Por estes serem os trabalhos mais consagrados e que nortearam o meio numismático brasileiro neste campo da numismática, creio que seja oportuno discorrer um pouco mais sobre o assunto para facilitar a introdução dos novos colecionadores à coleção das variantes de prata coloniais e do Reino Unido.

O Método é realmente muito fácil. O problema reside, para o iniciante, no excesso de abreviaturas e conhecimentos básicos de heráldica, os quais pretendo esclarecer.

No início de cada catálogo existem orientações e abreviaturas que ajudam a efetuar uma leitura compreensiva da descrição, portanto vamos nos ater apenas aos pontos que não são muito claros e podem causar dúvidas. Observando-se o exemplo abaixo referente a variante nº 54 de 1816 (catálogo de Lupércio Ferreira),

ANVERSO: GP (+G) – P – N 6v 6.6 – 3.3 – 6.7 2 2r

Arco EX E: quase atinge a folha inferior da palma.

Arco EX D: tangente à folha superior da palma ;

3º e 4º palmas: ligação para a esquerda;

Diadema: traço superior prolongado à esquerda;

18: 1 com o nariz curvo e maior do que o do 18.

960: 6 fechado bem embaixo.

54B - C Polar N: sombra prolonga o extremo D;

Equador: sombra no extremo D;

Trópico S: não ultrapassa o Coluro Ex D;

SIGN: N com sombra à D.

### Casa da Moeda do Rio de Janeiro.

- a) A primeira questão que aparece ao novo colecionador é saber se tem na mão um patacão da Casa da Moeda do Rio de Janeiro ou da Bahia quando a letra monetária não é visível, devido falha na re-cunhagem ou desgaste. Para esta questão basta observar-se o reverso, onde os braços da cruz suportam trapézios para a Casa da Moeda do Rio de Janeiro e triângulos para a Casa da Moeda da Bahia. Esta é a regra geral, porém existem exceções, daí



(Rio de Janeiro)



(Bahia)

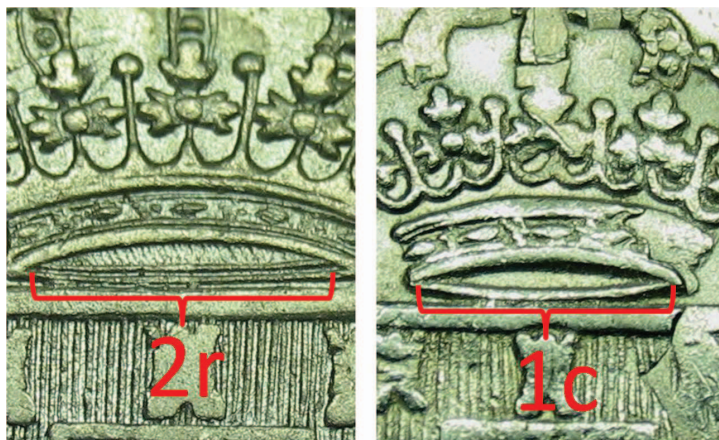
existir o “reverso do Rio” em moedas da Bahia!

- b) Ao lado da palavra ANVERSO, tem-se a disposição da legenda conforme informado no início do catálogo. Em seguida aparece “6v”. Neste caso, o 6 refere-se ao algarismo da data 1816, cujo formato é bem verticalizado. Compare as imagens a seguir:





- c) A informação seguinte refere-se à perolagem; a quantidade de perolas segundo suas disposições nos arcos (conforme aparece no índice do livro). Em seguida, tem-se “2r”. Este 2r significa o número de linhas encontradas na base da coroa, que podem ser



r (reta) ou c (curva);

- Vejamos outras situações que podem causar dúvidas na classificação:  
d) “dois vermelhos descem da ponta” e “vermelho longo à esquerda” (960 réis, 1811, 15A):

Referente à heráldica, ou ao esmalte vermelho que é representado



por linhas verticais, neste exemplo:

- e) “travessão superior unido à esfera” (960 réis, 1814, 17):  
 Refere-se ao pé da cruz que sustenta a esfera armilar, onde se espera encontrar dois traços (travessões) que dividem as hastes em três porções iguais. Aparecem, também, descrições com um ou outro travessão (inferior e superior) deslocado para esquerda



ou para direita.

- f) Com referência a posição da legenda, devemos levar em consideração que esta sempre acompanha a orla circular, por isso uma descrição do tipo GP (+G), ou seja, entre G e P, mais para G, poderá causar dúvidas dependendo do ângulo de visada. Neste caso é melhor que se faça uma observação bem na vertical do ponto de referência.
- g) Alguns termos também podem gerar dúvidas como “quase toca”, “próximo”, “afastado”, etc. No entanto, é o ônus do trabalho descritivo!

Ainda sobre o método descritivo deve-se mencionar o trabalho de Luiz Oswaldo Norris Aranha, “Catálogo Descritivo das Moedas de Prata Brasileiras do Primeiro Sistema Monetário, Livro V – 320 Réis”. Não há uma sequência de livros deste numismata, a menção livro V é porque conta com os trabalhos anteriormente descritos como uma sequência lógica para o seu próprio trabalho. Neste catálogo o autor classificou 360 variantes das moedas de 320 réis, desde 1695 até 1833.

Temo cometer uma injustiça se deixasse de tecer algum comentário sobre algumas obras recentes e que somam admiravelmente para o futuro de nossa numismática. Por isso gostaria de ressaltar a irretocável obra de José Serrano Júnior e Flávio Barbosa Rebouças, Catálogo descritivo dos 960 réis da Casa da Moeda da Bahia, publicada em 2003. Nesta obra os autores adotaram a ordenação e classificação também pelo anverso, assim facilitando a introdução de novas variantes. Acresce o fato de cada uma das variantes virem acompanhada de suas fotografias de anverso e reverso, facilitando a identificação.

Outra obra que não podemos deixar de citar é “Os Recunhos de 960 réis” de David André Levy, publicado em 2002. Este livro inteiramente dedicado ao estudo das variantes de 960 réis, tomando-se por referência a moeda base, ou seja, depende da identificação da moeda que foi utilizada para a re-cunhagem, seja ela hispano-americanas ou não. Sem dúvida este foi o mais novo ramo de estudo da numismática brasileira, tornando esta obra genuína e inovadora. Embora se soubesse desde o lançamento dos patações que estes eram cunhados sobre moedas estrangeiras, por muito tempo os numismatas deixaram esta possibilidade de coleção e classificação de lado para focar a atenção nas variantes de cunho. A delícia deste tipo de classificação está justamente na busca de traços ainda visíveis da moeda anterior (que não foram totalmente apagados com a batida do novo cunho). Este tipo de classificação nos leva a estudar e reconhecer aspectos da cunhagem hispano-americana, na sua maioria, mas também de outros países como EUA, Itália, França, Áustria, etc. Dando uma prazerosa complexidade à numismática brasileira.

O trabalho de classificação das variantes de prata não se encerra com as obras descritas, cumpre lembrar que novos trabalhos já surgiram e ainda surgirão no desenvolver da ciência numismática brasileira. Contudo uma classificação padronizada e oficial para todas as moedas brasileira parece ser um objetivo longe de ser alcançado pois não é tarefa exequível por uma pessoa física, pelo contrário, é uma tarefa que deveria, na minha opinião, ser realizada por uma instituição especializada. Desta maneira contaria com a colaboração simultânea de muitos especialistas congregados para uma obra única que abrangeria todo o acervo brasileiro e seria utilizada sem barreiras por todos os numismatas, *experts* ou principiantes.

Uma grande vantagem para o estabelecimento de uma classificação oficial da numária brasileira seria a redução das restrições impostas por direitos autorais. Isto possibilitaria uma ampla divulgação

da mesma e o consequente aumento do interesse do público alvo, o numismata brasileiro. Muito da falta de interesse dos novos colecionadores se dá pela falta de material de consulta adequado, pela escassez dos mesmos no mercado devido a publicações de tiragens extremamente pequenas e caras. Veja-se, por exemplo, se um numismata quiser publicar um album fotográfico de variantes de prata de um determinado período, para facilitar a sua identificação, qual seria a classificação utilizada? Uma classificação de um determinado autor, ou outro? Uma nova classificação? Cada um que publicar sobre o assunto fará uma nova classificação? Onde estará a continuidade? Neste aspecto, creio que não seria nenhum absurdo se uma instituição ou uma associação de instituições numismáticas assumissem o ônus de uma classificação oficial da numária brasileira com todas as suas possíveis variantes.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Luiz Oswaldo Norris, **Catálogo descritivo das moedas de prata brasileiras do primeiro sistema monetário – Livro V – 320 réis**. Ed. J. Anesi: Rio de Janeiro, 2000.

BERBERT (DE CASTRO), Renato. **Catálogo dos 960 Réis da Casa da Moeda da Bahia**. Ed. Mensageiro da Fé: Salvador, 1970.

FERREIRA, Lupércio. **Catálogo do Patações da Casa da Moeda do Rio**. Vol. 1 e 2, Tipografia Marista: Recife, 1978 e 1981.

FERREIRA, Lupércio. **Catálogo Descritivo das Moedas de 640 Réis**. Ind. Gráfica Barreto LTDA: São Paulo, 1986.

FERREIRA, Lupércio. **Catálogo das 960 B**. Cia. Editora de Pernambuco: Recife, 1986.

GAMA FILHO, Luiz Nogueira da. **Carimbo de Minas, “960”**. Rio de Janeiro, 1961.

LEVY, David André. **Os recunhos de 960 réis**. São Paulo, 2002.

PROBER, Kurt. **Manual de Numismática. Monografia numismática Vol. I**. Rio de Janeiro. 1944.

PROBER, Kurt. **Catálogo das Moedas Brasileiras de Prata**. 1947.

SERRANO Jr, José; REBOUÇAS, Flávio Barbosa. **Catálogo descritivo dos 960 réis da Casa da Moeda da Bahia**. 2003.

SOCIEDADE NUMISMÁTICA BRASILEIRA, **Boletim nº 19**, Ano VI, São Paulo, 1964.

SOCIEDADE NUMISMÁTICA DO CEARENSE, **Revista Numária**, Ano



# MUSEU DE NUMISMÁTICA BERNARDO RAMOS

**Hilton Aparecido Magri Lucio**

Diretor de Divulgação

Lá pelos idos de 1985, tive a oportunidade de adquirir e ler um excelente livro introdutório sobre numismática de nosso falecido associado Alain Jean Costilhes. Trata-se do número 147 da coleção Primeiros Passos, da editora Brasiliense, intitulado “O que é numismática”.

Esse livreto, que ainda é facilmente encontrado nas lojas de livros usados no centro de São Paulo, se trata de uma obra importante para os iniciantes, apesar de carecer de uma atualização (há 25 anos, quando foi escrito, várias mudanças tecnológicas que estão influenciando a numismática, como computadores e internet ainda não existiam).

Além de fornecer preciosas informações para o numismata iniciante, esta publicação lista uma série de referências bibliográficas essenciais para o início da formação de uma boa biblioteca numismática. Adicionalmente, o autor ainda lista uma série de coleções numismáticas, em museus localizados no exterior e no Brasil.

Ao longo dos últimos 25 anos tive a felicidade de visitar todas as coleções mencionadas por Alain, à exceção do Museu Numismático de Manaus. Sempre me estranhou a ausência de quaisquer comentários sobre este museu por parte de nossos associados mais experientes.

No início deste ano, finalmente surgiu uma oportunidade de conhecer o Museu de Numismática Bernardo Ramos, em Manaus. Consegui uma visita guiada pelo Museu, tendo tido também a oportunidade de conhecer a reserva técnica e os simpáticos profissionais que mantêm o acervo.

63



*Elegante Mostruário de Mogno do Museu de Numismática Bernardo Ramos*

A surpresa positiva não poderia ter sido maior. Além de uma equipe muito receptiva, tive a oportunidade de conhecer rapidamente um acervo considerável, que se encontra exposto em elegantes mostruários de madeira de lei com vidros franceses. Todas as moedas encontram-se devidamente identificadas, mas grande parte do acervo ainda carece de classificação detalhada.



*Vista da Exposição Permanente do Museu de Numismática Bernardo Ramos*

## A formação da coleção

A origem da coleção de numismática de Bernardo Ramos se deu no final do século XIX, quando este passou a colecionar moedas que lhe pareciam diferentes. Posteriormente, se iniciou a compra de moedas raras do Brasil e de outros países.

Autodidata e interessado pelas antigas civilizações, viajou pela Europa e Oriente Médio, percorreu a Palestina e o Egito, numa época em que isto significava uma viagem de barco de quase 20 dias somente para se cruzar o Oceano Atlântico.

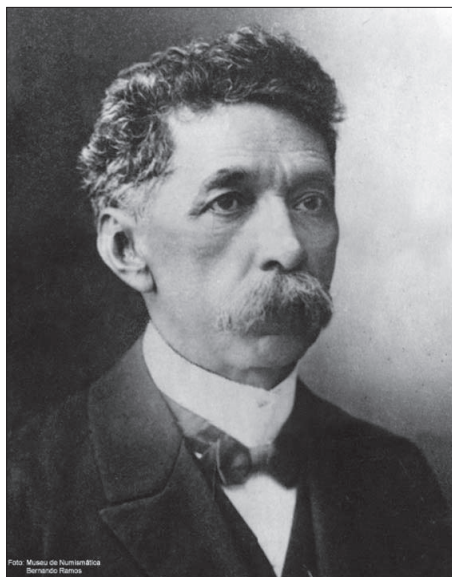
Para poder compreender as lendas das moedas que adquiria, Bernardo tornou-se ainda um profundo conhecedor das línguas bastante incomuns, como o hebraico, o fenício e o sânscrito.

Em 1898, adquiriu a valiosa coleção de numismática e biblioteca do pernambucano Manoel Cícero Peregrino da Silva, tornando assim ainda mais valioso o seu acervo, o que veio despertar o interesse do Governo do Estado do Amazonas, que, através da Lei nº 296 de 6 de outubro de 1899, autoriza a aquisição pelo estado, através de compra, da Coleção de Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos.

Quando adquirida, a coleção era considerada como a primeira da América Latina e a quarta do mundo em valor e importância histórica.

Após noventa e seis anos (1997), o Governo voltou a adquirir peças, comprando uma importante coleção de moedas de ouro e, mais recentemente, uma coleção de cédulas flor de estampa de vários países.

## Bernardo Ramos



*Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos*

65

Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos deve ser considerado como um dos grandes numismatas brasileiros. Apesar de ter formado um acervo de importância indiscutível, pouco se comenta, mesmo nos meios especializados, sobre este fantástico personagem. A ausência de um catálogo impresso de sua coleção colabora muito para que sua importância continue sendo subestimada.

Nasceu em Manaus-AM, em 12 de novembro de 1858, falecendo no Rio de Janeiro em 5 de fevereiro de 1931. Filho de Manoel da Silva Ramos (fundador da Imprensa em Manaus) e da Sra. Jesuína Maria de Azevedo da Silva Ramos. Foi casado com Sra. Euthália Barroso Ramos (professora) com quem teve 5 filhos.

Oriundo de uma família pobre, e ficando órfão de pai ainda menino, foi trabalhar no Correio local. A partir dos seus 21 anos, Beré, como era chamado carinhosamente pelos amigos e familiares, exerceu vários cargos públicos. Destacando-se na política pela sua honestidade e convicções claras, sendo eleito Intendente Municipal (Vereador).

Comerciante notável, foi fundador e presidente da Associação dos Proprietários de Manaus, fundou e organizou o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas em 25 de março de 1917, e foi também um dos fundadores do Clube Republicano do Amazonas. Devido a relevantes serviços e contribuições prestados a este Estado, o povo manauara, resolveu homenageá-lo, dando o nome Bernardo Ramos à antiga Rua de São Vicente, que faz parte do Centro Histórico de Manaus.



## A história do Museu

O Museu de Numismática do Amazonas tem sua origem na coleção de moedas, medalhas, cédulas, e documentos históricos, organizada pelo comerciante amazonense Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos. Estudioso e fascinado pela Numismática, viajou por vários países, seguidas vezes, adquirindo peças para sua coleção particular.

Em 1898 Bernardo adquiriu a valiosa coleção e respectiva biblioteca especializada, do humanista pernambucano Cícero Peregrino da Silva, enriquecendo ainda mais o seu acervo pessoal.

O Governo do Amazonas, através da Lei nº 296, de 6 de outubro de 1899, autorizou a compra da coleção numismática de Bernardo Ramos para o Estado e pelo Decreto no. 402, de 20 de fevereiro de 1900, *“abre um crédito de trezentos contos de réis para ocorrer as despesas com a aquisição da Coleção Numismática do Coronel Bernardo d'Azevedo da Silva Ramos”*.

Em 1900, por ocasião das festividades do quarto centenário do Descobrimento do Brasil, realizadas no Rio de Janeiro, então capital da República, a Coleção Numismática foi exposta, no período de 05 a 31 de maio de 1900, no salão nobre do Externato do Ginásio Nacional, hoje Museu Nacional.

A exposição, ao ser visitada pelo então presidente da República, Dr. Campos Salles, despertou neste um grande interesse devido ao valor histórico e raridade das peças levando-o a fazer uma oferta de compra da coleção para que ela integrasse o acervo do Museu Nacional, no que foi recusado pelo amazonense.

Ao vendê-la para o Governo do Amazonas, Bernardo Ramos perdeu a importância de cem contos de réis, visto que o preço ofertado por Campos Salles era de quatrocentos contos de réis. Mas assegurou que o acervo permanecesse em sua terra natal, onde se encontra até hoje.

Em 30 de novembro de 1900, o Decreto Estadual no. 460 cria a Seção Numismática na Imprensa Oficial e seu Regulamento, dando origem legal ao Museu.

A coleção foi dividida em 24 vitrines, em madeira de lei, com cristal bisotado, e foi aberta à visitação na sede da Imprensa Oficial, que funcionava na Av. Sete de Setembro atual prédio do Banco Bradesco.

Anos depois o Museu foi instalado no Palácio Rio Branco, sede da Secretaria do Interior e Justiça, posteriormente Assembléia Legislativa do Estado, atual Centro Cultural Palácio Rio Branco, na Praça D. Pedro II.



*Palácio Rio Branco – Foto do Acervo da Biblioteca do Estado do Amazonas*

Em 15 de junho de 1965 foi transferido, desta vez para o prédio do Banco do Estado do Amazonas, onde permaneceu até 1970 transferido em 30 de maio para imóvel alugado, na Rua Henrique Martins, onde permaneceu por dez anos. Por Decreto, em novembro de 1980, o Museu foi desativado e seu acervo recolhido aos cofres do Banco do Estado do Amazonas onde permaneceu por dez anos.

Em 30 de novembro de 1990, a Superintendência Cultural do Amazonas nomeou comissão para a reativação do Museu sendo reaberto à visitação no Comando Geral da Polícia Militar (atual Palacete Provincial), na Praça Heliodoro Balbi.

67



*Foto Palacete Provincial, quando este abrigou o Museu de Numismática Bernardo Ramos pela primeira vez*

Em 2000, transferido para o complexo do Centro Cultural Palácio Rio Negro, no prédio da Villa Ninita, o Museu de Numismática passa a integrar o conjunto de bens e serviços culturais como Museu da Imagem e do Som, a Pinacoteca, o Espaço de Referência Cultural e o Cine Teatro Guarany.



*Fachada das Antigas Instalações do Museu de Numismática Bernardo Ramos, na Villa Ninita, anexa ao Palácio Rio Negro*



*Fachada do Palácio Rio Negro, totalmente restaurado*

No dia 25 de março de 2009, retornou a sua antiga sede no Comando Geral da Polícia Militar (atual Palacete Provincial) na Praça Heliodoro Balbi.



*Atual Fachada do Palacete Provincial, sede do Museu de Numismática Bernardo Ramos. Este prédio abriga também outros museus.*

## Importância do acervo e do Museu

Esta coleção pode ser considerada como o maior acervo numismático da Região Norte do Brasil.

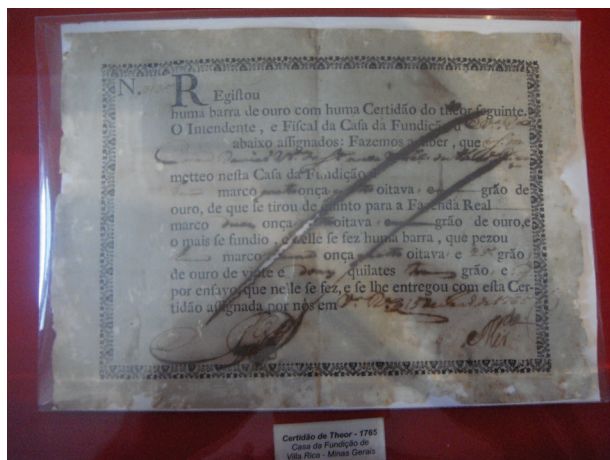
Entre moedas, cédulas, medalhas, condecorações, acervo bibliográficos, pedras litográficas e documentos históricos, o acervo conta com 18.030 peças (em exposição e na reserva técnica). Só em moedas, o acervo tem 9100 itens. Dentre esses, merece destaque a presença de várias moedas brasileiras e estrangeiras contramarcadas.

Além da coleção exposta permanentemente, o museu organiza também algumas exposições numismáticas temporárias. Quando da visita da SNB, estava em cartaz uma excelente exposição sobre a numismática chinesa, com várias moedas do acervo do Museu.

Um aspecto muito importante desta coleção é o de que existem registros bastante precisos sobre as datas de sua formação. Com essas informações, e a partir de uma análise das moedas brasileiras contramarcadas que existem no acervo, é possível se fazer uma avaliação bastante crítica e precisa sobre a autenticidade de alguns tipos dessas contramarcas, datando, de forma precisa, eventuais carimbos duvidosos. É uma fonte de informações preciosa e única para um tema sempre tão controverso.

A classificação detalhada de todas as peças, principalmente nos acervos de moedas clássicas e medievais, deverá produzir surpresas agradáveis ao longo dos próximos anos.

O acervo conta ainda com algumas cédulas e outros itens numismáticos bastante interessantes. Em exposição, existe uma guia de barra de ouro aparentemente cancelada através de duas linhas paralelas e transversais ao texto da guia.



*Guia de Barra de Ouro – 1765 – Casa de Fundição de Vila Rica –  
Acervo Museu de Numismática Bernardo Ramos*

A impressionante abrangência do acervo (que vai desde as primeiras moedas na Ásia Menor até moedas diversas do início do Século XX, contando ainda com várias cédulas e outros materiais de grande interesse numismático), reforça a importância dessa coleção.

Não se pode esquecer que todo este rico acervo foi formado numa época em que as viagens internacionais eram extremamente raras e difíceis, quando toda correspondência se dava através de cartas postais. Uma moeda arrematada em um leilão poderia levar meses para chegar da Europa até Manaus através de uma carta.

Daí a importância das constantes viagens internacionais de Bernardo, e necessidade de maior reconhecimento de seus esforços para montagem da coleção.

Deve ser ressaltada também a grande importância didática do acervo, que é visitado anualmente por milhares de alunos das escolas de Manaus.

### **Bibliografia**

Bittencourt, Agnello – Dicionário Amazonense de Biografias (Vultos do Passado).

Material Promocional do Museu de Numismática Bernardo Ramos

### **Agradecimentos**

A SNB agradece a Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas pela atenciosa recepção e especialmente a Lícia Margareth Vieira, que zelosamente cuida deste tesouro numismático, com a ajuda de todos os funcionários do Museu.



# O CAVALEIRO THALBERG E SUAS ANDANÇAS

Abrahão Gitelman

O nome de Sigismond Thalberg nos remete ao fim de uma época em que os virtuosos se exibiam apenas nos palácios e ao começo de outra, que os pôs nos teatros, face à face com o grande público. Foi uma longa evolução. No Segundo Reinado, tínhamos a realeza e a recém-criada nobreza circundante. Thalberg esteve por duas vezes nesta nossa pequena imitação das cortes européias. Já estava-se alastrando no Brasil, o interesse pela Música. Entre 1816 e 1821, andou por aqui, um outro Sigismond (Neukomm), que fora aluno de Haydn, e que se maravilhou com as missas do padre José Maurício e da “escola mineira”. Em 1847 foi fundado o “Conservatório Imperial” por Francisco Manuel da Silva, o autor do Hino Nacional.

Vejamos, assim, o que diz a respeito de Thalberg, um musicólogo brasileiro, Vasco Mariz (1):

*“Thalberg, Sigismund (sic) (Genebra, Suíça 1812- Posilipo, Itália 1871) Compositor e pianista. Filho da nobreza, estava destinado à carreira diplomática. Aluno de Hummel, Sechter e Mittag, estreou como pianista aos 14 anos. A partir de 1835 realizou diversas tournées, logrando impor-se como um dos maiores pianistas da época. Possuía prodigioso legato (2) elogiado por Liszt. Autor de duas óperas que falharam e de peças pianísticas de mérito. Sua passagem pelo Rio de Janeiro, em 1855, causou sensação. Deu vários concertos e foi condecorado por D. Pedro II.”*

71

O abalizado “Grove’s” (3) complementa (e contradiz, em parte), estas informações. Thalberg seria austríaco, filho natural do Conde Dietrichstein e da Baronesa von Wetzlar.

Sigismond Thalberg, como intérprete, geralmente é colocado próximo ao nível de Liszt (considerado o maior pianista do seu século). Em 1834 foi nomeado *Kammervirtuos* (4) pelo Imperador da Áustria, (o velho Francisco I). Na época, Viena era considerada a capital mundial da Música. Ele passa a partir daí, metade do seu tempo em Viena e realiza excursões por toda a Europa, da Espanha à Rússia. Compõe principalmente, pequenas peças para piano, no mais das vezes, variações de conhecidas árias das óperas de Bellini, Donizetti, Meyerbeer e outros que alcançavam o sucesso.

Façamos o rastreamento de alguns de seus passos a partir de então. Em 1836 ei-lo realizando um duelo público de interpretação com Liszt. Embora considerado vencedor da competição, Liszt elegantemente não poupou elogios ao rival, dizendo inclusive que Thalberg era o único pianista do mundo a conseguir tirar “sons de violino” do teclado. Mendelssohn e Schumann também tinham em alta consideração a sua habilidade técnica. Ele chegou a desenvolver uma forma de usar os polegares de modo a simular “uma terceira mão”.

Algumas de suas composições para piano solo, utilizando este efeito, foram escritas em três pautas.

Em 1843, Thalberg casa-se com uma filha de um bem-conhecido tenor de óperas franco-italiano, Luigi Lablache, que mantinha uma residência em Nápoles. Daí, o forte vínculo de Thalberg com esta cidade. No começo dos anos de 1850 escreve duas óperas que foram encenadas, respectivamente, em Londres e Viena, sem muito êxito. Uma delas era sobre a inquieta e sensível rainha Cristina da Suécia, no seu tempo, século XVII, foi uma *patronesse* das ciências e das artes (a personagem histórica não teve daquela vez, mas ficaria imortalizada 80 anos mais tarde por Greta Garbo...)

Em 1855 atravessa pela primeira vez o Atlântico para apresentar-se no Rio de Janeiro. Vamos tentar entender as razões do convite e da aceitação. Naquela época, o continente americano ainda estava fora do roteiro dos grandes músicos. Para viagens tão longas, as estadias deviam, proporcionalmente, estender-se ao máximo. Haveria público para muitos concertos? D. Pedro II era um entusiasta das artes e não media esforços para que o Brasil começasse a aparecer no cenário musical. O nome do nosso imperador tinha um bom trânsito entre a realeza européia. Era um descendente dos Habsburgo (por ser filho de D. Leopoldina). Assim, Francisco I havia sido seu avô materno. O sucessor do trono da Áustria, Francisco José, era seu primo-irmão. Por sua vez, a imperatriz D. Thereza Christina era napolitana e nada menos que irmã do rei Ferdinando II, do reino de Nápoles e Sicília (também chamado de reino da Duas Sicílias). Thalberg deve ter-se sentido bem seguro quanto às recompensas.

Pelo que sabemos, a receptividade brasileira aos seus concertos foi apoteótica. Sua Majestade concedeu-lhe a Ordem Imperial do Cruzeiro (5), no grau de Cavaleiro, na própria noite da estréia, 25 de Julho daquele ano de 1855. A apresentação deu-se no Teatro Lyrico Fluminense (6). Exatamente dois meses depois, Thalberg realizou outra afamada récita beneficente em prol do “Hospício de Santa Thereza”, que era um hospital tutelado pela imperatriz. Tudo leva a crer que, durante a sua longa permanência, Thalberg foi hóspede da própria Família Imperial



#### anverso e reverso da medalha

(cunhada na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, em prata, cobre e chumbo; diâmetro: 60 mm; gravador: Quintino José de Faria; Catalogada por Meili 1ª edição, sob nº 185; Viscondessa de Cavalcanti, sob nºs 61 e 74, 1ª e 2ª ed. respectivamente).



No ano seguinte, fez uma vitoriosa excursão pela América do Norte acompanhado pelo violinista belga Henri Vieuxtemps (pois Paganini, o Liszt do violino, abriu o campo também para os virtuosos deste instrumento). E em termos de público, a Costa Leste dos Estados Unidos já era considerada pelos empresários como um rico filão. Em 1858, adquiriu uma enorme herdade em Posilipo, nas cercanias de Nápoles. Contudo, tempos difíceis vinham pela frente. A reunificação da Itália- o Resorgimento- provocou anos de instabilidade na região, incluindo guerras contra a Áustria. Sendo cidadão austríaco, as oportunidades de se apresentar publicamente ficaram bastante prejudicadas. Em 1863, pretendia fazer outra excursão à América, mas, devido à Guerra da Secessão que estava em curso, aceita o convite para realizar outro *tour* ao Brasil. E foi aqui que praticamente encerrou a sua carreira. Em 1864 aposenta-se e torna-se um produtor de uvas e vinho.

Em nenhuma composição de Thalberg, há a mais remota referência às suas temporadas brasileiras. Mas, convenhamos, estávamos ainda muito longe da alvorada do nosso nacionalismo musical. Ficaria para outro virtuose estrangeiro, o americano Louis Gottschalk, poucos anos mais tarde, com sua Fantasia sobre o Hino Nacional, inaugurar a série de composições sobre temas brasileiros ou pelo menos, evocativos do país. Mas, a disposição do nosso Imperador de prestigiar as artes, frutificou já em 1870, com o triunfo operístico de seu protegido, Carlos Gomes, em Milão.

Agora, uma outra questão. Thalberg era realmente o nobre austríaco que dizia ser? Apesar dele sempre ter insistido na sua própria versão (e que foi aceita por quase um século), a descoberta dos seus registros de nascimento dirimiu as dúvidas. Ele nasceu realmente nas cercanias de Genebra em 1812, filho legítimo de Joseph Thalberg e de Fortunée Stein, ambos judeus originários de Frankfurt sobre o Meno, Alemanha (7).

Procuremos lembrar que o início do século XIX foi um tempo de grande turbulência para os judeus da Alemanha. Por um lado, os ventos do Iluminismo os impelia a atravessar os muros dos guetos, ajudados pelo sopro liberalizante resultante da influência napoleônica. Por outro, havia a reação de setores da sociedade alemã contra a assim chamada “Emancipação”. Desta forma, muitos cruzaram não só muros, como também fronteiras, no sentido real e no figurado (a conversão ao cristianismo). E é evidente que para o sucesso de uma carreira artística, como a de Thalberg, passada em grande parte em ante-câmaras palacianas, a condição de plebeu acrescida ainda mais a uma origem judaica, teria de ceder facilmente seu lugar, à fantasia de uma pseudo ascendência aristocrática.

## Bibliografia e Notas

- (1)- **Dicionário Biográfico Musical- Vasco Mariz- Villa Rica-Belo Horizonte.-Rio de Janeiro-1991**
- (2)- **Legato:palavraitaliana,quenaMúsica,significalligadura:notas suavemente ligadas para que a entoação não seja interrompida.**
- (3)- **Grove's Dictionary of Music and Musicians (em 9 volumes)- MacMillan-Londres-1954**
- (4)- **Kammervirtuos: título que pode ter uma dupla conotação. Em primeiro lugar era um emprego palaciano remunerado, de "Virtuose da Corte". E, nos meios musicais, outorgava distinção ao seu portador.**
- (5)- **Ordem Imperial do Cruzeiro: a mais antiga condecoração genuinamente brasileira, criada em 1822 por D. Pedro I. Substituída, no período republicano, pela Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.**
- (6)- **Passou a chamar-se assim em 1854, mas era o antigo Teatro Provisório construído em 1851. Tinha 248 assentos de primeira classe, 443 de segunda e 147 "gerais". Havia também 120 camarotes classificados em 4 "ordens", (as 30 da primeira "ordem" estavam destinadas, naturalmente, à Família Imperial e aos que estavam próximos a ela). Apesar da construção precária, funcionou por mais de 20 anos, sendo demolido em 1875. Localizava-se no "Campo da Acclamação", entre as ruas dos Ciganos e do Hospício, (que corresponde atualmente à Praça da República, entre as ruas da Constituição e Buenos Aires.)**
- (7)- **Encyclopaedia Judaica-Macmillan / Ketel-Jerusalem-1971**

JULIUS MEILI  
E A  
NUMISMATICA BRAZILEIRA  
PELO  
DR. ALFREDO DE CARVALHO  
io correspondente do Instituto Historico e Geographico  
Brazileiro



REVISTA  
DO  
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO  
BRAZILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO LXIX

1906

PART E II

## Julius Meili e a Numismática Brasileira

A' NUMISMATICA — tão desdenhada por certa escola de modernos historiadores scientificos, esquecidos do auxilio que tem prestado sobretudo na solução de intrincados problemas chronologicos — certo não cabe logar conspicuo na vasta hierarchia dos conhecimentos humanos: é uma sciencia de gabinete como que feita para os ocios eruditos de amadores opulentos. Mas, quando estes, deixando de ser meros colleccionadores, passam a considerar as moedas e medalhas sob aspectos historicos, artisticos e economicos, indagando das suas relações com o progresso de um povo, reúnem, por vezes, elementos de valia para o estudo da sua evolução cultural e chegam a resultados que a propria sociologia não póde desprezar.

Está nestas condições raras e preciosas o Sr. Julius Meili.

Desde 1875, quando ainda negociante na Bahia, este benemerito cidadão suíço veio reunindo as especies do seu monetario brasileiro, hoje o mais numeroso e completo que existe aquem e além mar, e, retirando-se da vida commercial, em 1889, deu inicio á publicação de varias monographias, descrevendo e representando as preciosidades da sua colleção.

Refundindo e ampliando, mais tarde, estes primeiros estudos, emprehendeu elaborar a historia d'*O Meio Circulante no Brazil*, obra de proporções monumentaes, que brilhantemente vae levando a termo.

O volume inicial comprehendendo *As Moedas do Brazil Colonia* (1645-1822) appareceu em 1897.

E' um bello album primorosamente impresso no Instituto Polygraphico de Zurich, e no seu breve prefacio se acha plena-

mente demonstrada a utilidade do commettimento do Sr. Meili, em face da pobreza quasi absoluta da nossa litteratura numismatica. De facto, não realizava a promessa feita, em 1880, por Teixeira de Aragão, de consagrar um quarto volume da sua excellente *Descrição Geral e Historica das Moedas de Portugal*, ao numario brasileiro, apenas possuíamos os lacunosos «apontamentos e catalogo» que, sob o titulo de *Moeda do Brazil*, João Xavier da Motta deu á luz nove annos depois. Quem procurava esclarecimentos mais minuciosos tinha que respigar trabalhosamente informações esparsas por grande numero de obras e catalogos, na apparencia alheios ao assumpto, cuja bibliographia methodica occupa as primeiras paginas do volume citado.

Vem após uma relação das principaes Leis, Alvarás, Cartas Regias, Decretos, Provisões, Portarias e Avisos, de 1694 a 1822, referentes ao meio circulante no Brazil-Colônia na qual está condensada toda a legislação sobre a materia.

A' parte descriptiva, profusamente entremeiada de notas historicas, serve de introdução um golpe de vista retrospectivo sobre o numerario portuguez tendo curso no Brazil de 1500 a 1688. A leitura deste capitulo é summamente instructiva: nelle se nos mostra como, em um periodo de quasi dois seculos as successivas e frequentes reduções de padrão foram enfraquecendo a moeda e elevando o valor do metal.

Passando a tratar do numario propriamente brasileiro, o autor nos ministra dados novos e curiosos sobre o primeiro dinheiro metallico fabricado no Brazil : as famosas moedas obsidionaes cunhadas no Recife, pelos Hollandezes, em 1645-46 e 1654.

Em fins do mesmo seculo XVII, a exportação do dinheiro de contado para a metropole, por motivos perfeitamente explicados no succulento capitulo — *Razão dos estabelecimentos de casas de Moeda no Brazil*, attingiu proporções taes que a colonia ficou quasi inteiramente privada de numerario.

Deliberou então El-Rey D. Pedro II autorizar por Carta Regia de 8 de março de 1694, a cunhagem de «Moedas-Próvincias», que deviam circular sómente no Brazil, não podendo



ser exportadas. Afim de conservar na colonia o novo dinheiro, foi aqui prohibido, por Alvará de 10 de Dezembro de 1695, o curso das moedas do reino e aos ourives que trabalhassem, ou fundissem metaes preciosos amoadados.

Os valores estabelecidos para o novo numerario foram de nove especies: tres de ouro (4\$000, 2\$000 e 1\$000) e seis de prata (640, 320, 170, 80, 40, e 20 réis).

As primeiras distinguam-se das do reino pela inscripção — *Et Brasiliae Dominus*;— para as de prata foi adoptada a divisa — *Subq. Sign. Nata Stab.* — cuja significação tem sido diversamente interpretada.

A Casa da Moeda, primeiramente estabelecida na Bahia, alli funcionou por espaço de quatro annos; transferidos então para o Rio de Janeiro o seu pessoal e material, trabalhou nesta cidade de 17 de março de 1699 a 13 de outubro de 1700 e mudada finalmente para Pernambuco, laborou no Recife até 5 de abril de 1702.

No decurso do seculo XVIII a producção fabulosa das jazidas auríferas de Minas Geraes, S. Paulo, Goyaz e Cuyabá levou á metropole um caudal de riqueza inestimavel.

Afim de amoadar o ouro proveniente do imposto de 20% (*quinto*), e que sob esta fórma era de preferencia exportado para o reino, instituiram-se casas de moeda em differentes pontos das regiões mineiras, assim como no Rio de Janeiro e na Bahia. As especies e variedades de moedas nellas fabricadas, até a Independencia, são tão numerosas que se nos torna impossivel mencional-as.

Todas, porém, mereceram circunstanciada descripção no trabalho do Sr. Meili e acham-se representadas, nos seus principaes typos, nas bellissimas estampas que o acompanham e completam.

E' sobretudo digna de nota a magnifica serie de *escudos* de ouro, cunhados na Bahia, no Rio de Janeiro e em Villa-Rica, durante o reinado de D. João V, com a effigie do monarcha; as cinco especies desta serie, pelo seu alto valor intrinseco e a sua perfeição artistica, são das mais procuradas pelos colleccionadores. O mesmo acontece com os enormes *dobrões* de cinco



*moedas*, fabricados em Villa-Rica de 1724-27, com perto de 54 grammas de peso e o valor nominal de 20\$000.

Dentre o numerario cunhado no reinado de D. José I (1750-77), salientaremos sómente as denominadas *moedas mineiras*, especialmente adaptadas ao commercio do ouro, a cujo preço em vintens (32 uma oitava) correspondiam as suas designações de valor: 600, 300, 150 e 75 réis.

A historia das moedas do reinado de D. Maria I (1777-1805) abrange dois capitulos relativos aos dois periodos: o em que governou com o consorte D. Pedro III (1777-86) e o segundo (1786-1805) em que governou só.

Igual divisão soffreu naturalmente o governo de D. João VI, primeiro como Principe Regente (1805-18) e, por fim, como rei (1818-22).

Do primeiro destes reinados, o Sr. Meili descreve 272 moedas de ouro, prata e cobre, cunhadas no ou para o Brazil.

Não escapou ás suas pesquisas o avultado numero de carimbos postos em moedas nacionaes e estrangeiras, durante o reinado de D. João VI, afim de lhes modificar o valor.

Estas contramarcas são frequentes, principalmente nos *pesos* hespanhóes, que corriam pelo valor de 960 réis, e receberam o carimbo constante das armas do reino, entre dois ramos de louro, tendo por baixo 960 e no reverso a esphera armillar.

Das barras de ouro de *lei*, que tiveram larga circulação nos districtos auriferos, descreve o Sr. Meili diversos exemplares provenientes das casas de fundição de Villa-Rica, Sabará e Serro Frio. Estes fragmentos do precioso metal acham-se completamente revestidos de marcas constantes das armas do reino, tendo por baixo o nome da localidade da officina fundidora, do numero da barra, do anno da fundição, da palavra *Toque* e o respectivo algarismo, e dos algarismos do peso e signaes particulares.

Comquanto reservasse para o terceiro volume o estudo da moeda fiduciaria, o Sr. Meili consagrou neste um pequeno capitulo á fundação do primeiro *Banco do Brazil*, estabelecido pelo Alvará de 12 de outubro de 1808, enumerando brevemente as notas por elle emittidas.

Valiosa contribuição para o estudo da nossa historia economica constitue o capitulo intitulado *Produção total das Casas de Moeda do Brazil*, de 1703 a 1822.

Segundo os dados pacientemente reunidos pelo Sr. Meili, o valor do numerario produzido durante aquelle periodo elevou-se ás seguintes sommas:

|                 |                  |
|-----------------|------------------|
| Ouro . . . . .  | 245.640:998\$000 |
| Prata . . . . . | 40.460:866\$300  |
| Cobre . . . . . | 5.000:000\$000   |

Em 1905, sahio á luz o segundo volume d' *O Meio Circulante no Brazil*, comprehendendo *As Moedas do Brazil Independente* (1822-1900).

Como o primeiro, fórma um album copiosamente illustrado com gravuras de 245 moedas do Imperio, 26 da Republica e 223 fichas emitidas por particulares ou sociedades.

E' talvez ainda mais completa do que aquelle, não faltando no texto e nas estampas uma só das especies cunhadas desde a Independencia, a começar pela famosa moeda de ouro, de 1822, com a effigie de D. Pedro I e que tanto desagradou ao monarcha, por não trazer o qualificativo de Imperador *Constitucional*, até ás de nickel da emissão de 1901, logo tão abundantemente falsificadas.

A parte descriptiva é igualmente fertilissima em noticias historicas, economicas e financeiras, e dados sobre as alterações do padrão e as oscillações do cambio,

De permeio a estes dois volumes appareceu, em 1903, o terceiro, relativo á *Moeda Fiduciaria no Brazil*, 1771 até 1900, de formato um tanto maior.

Comprehende o texto duas grandes secções—*Emissões legais e Emissões illegaes*— subdivididas em vinte e seis capitulos respectivamente occupados com a legislação e mais noticias relativas a toda a casta de papel moeda que tem circulado no nosso paiz desde 1771, quando, em virtude do regimento de 2 de agosto, começaram a correr em Minas-Geraes os famosos bilhetes de extracção dos diamantes, até os vales de troco de ouro actualmente emitidos pelas alfandegas.

Combinando a leitura destes capitulos com o exame das estampas, que em numero de 192 representam 1637 especies diferentes, obtem-se um golpe de vista assás instructivo, não só sobre a evolução dos nossos processos financeiros, como sobre os progressos das artes graphicas e do aperfeiçoamento esthetico.

A partir das notas do primitivo Banco do Brazil, desmesuradas, grosseiras, feias, facil e frequentemente falsificadas, chega-se através de um sem numero de emissões intermediarias ás cédulas do Thesouro Nacional hoje circulantes, perfeitas, elegantes, commodas, mas, ainda igualmente, objecto de fraude.

Completam excellentemente esta primeira secção d' *A Moda Fiduciaria no Brazil*, prestabilissimos quadros dos Bancos de emissão que têm existido de 1808 a 1896, outros confrontativos das emissões do Governo e dos Bancos com o cambio, de 1808 a 1900, attentas as modificações do padrão monetario occorridas em 1833 e 1848, e uma lista dos valores de papel-moeda legalmente em circulação em fins de dezembro de 1900, na importancia de 699.631:719\$000, ou uma média de 44\$000 para cada habitante do paiz.

A segunda secção—*Emissões illegaes*—compreheende os bilhetes de Estados, municipalidades, emprezas de omnibus, barcas e bondes, e de companhias e particulares, abrangendo o prodigioso total de 1263 especies.

Estas emissões abusivas, illegaes ou criminosas de titulos de credito (quer dizer de divida) ao portador, denominados apolices, cautelas, cupões, estampilhas, ficas, fichas, livranças, obrigações, recibos, sellos, vales, e alcunhados no Ceará de *Borós*, em Pernambuco de *Calcareos*, *Sampaio* e *Haja Paus*, no Maranhão de *Debentures*, em Minas-Geraes de *Barrosques*, não são tão modernas como em geral se presume. O Sr. Meili nos mostra que já circulavam, de 1837 a 1859, em S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas-Geraes, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Em appendice menciona ainda o sabio e operoso numismata specimens de annuncios, reclames, bilhetes de loterias, e de rifa, e fichas de jogo.

Como complemento indispensavel a obras deste genero salientam-se as centenas de magnificas estampas, representando milhares de moedas e cédulas, que acompanham os tres volumes publicados. Executadas com admiravel perfeição pelo processo photo-callographico, o mais fiel que desejar se póde, estas estampas constituem, já por si, um verdadeiro curso de historia da nossa cultura.

Um quarto volume, consagrado ás medalhas e condecorações, e já no prélo, completará em breve esta obra grandiosa e sem rival na litteratura das demais nações latino-americanas.

Julho 1906.

A Comissão de Redacção organisando no anno de 1908 esta 2ª parte do Tomo LXIX, relativo a 1906, resolveu incluir o artigo do illustre consocio Dr. Alfredo de Carvalho, a respeito da obra de Julius Meili, tambem nosso consocio.

A Comissão não deixa de registrar, porém, e com intensa magua, o fallecimento do Sr. Meili, occorrido o anno passado, a quem o Brazil deve inolvidaveis serviços, pois era um dos seus maiores amigos, dando disso provas eloquentes até os ultimos momentos de existencia.

*(Nota da Commissão de Redacção.)*



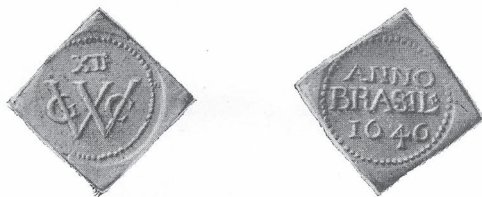


Moeda de ouro D. Maria I e D. Pedro III

83



Moeda de D. João VI



Moeda obsidional de 1646



Ensaio monetario da primeira moeda brasileira



Poça de quatro mil réis de D. Pedro II, cunhada em Pernambuco





Escudo de ouro de D. João V

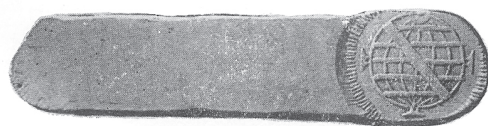
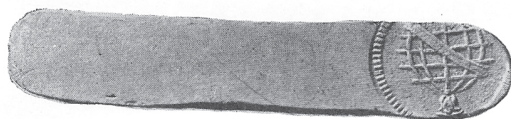
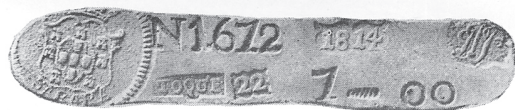
85



Moeda mineira



Moeda de cobre de D. João VI



Barras de ouro, Casa de Fundição de Sabará



Moeda carimbada no Ceará



87

Primeira moeda de D. Pedro I, sem a palavra *Const.*



Primeira moeda de D. Pedro II

# “CONJUNTO” DE NUMISMAS BRASILEIROS REGISTRADO EM LIVRO

*Conjunto de Moedas, Barras e Medalhas – Roberto Lemos Monteiro Edição do Autor, Campo Grande, 2010. Capa dura, 21x30 cm, n p (95 páginas, papel couche, completamente ilustradas a cores), tiragem de 30 exemplares numerados e rubricados pelo Autor.*

**Claudio Schroeder**

A História do Brasil registra que desde o passado os *pioneiros* da conhecida *Terra dos Bandeirantes* foram importantes para o desenvolvimento do nosso país. Isso se confirma, atualmente sendo esse Estado o principal referencial de desenvolvimento entre os demais Estados do Brasil. Desenvolvimento esse em diversas áreas e especialmente na numismática contando com algumas das principais coleções públicas e particulares. O colecionador Roberto Lemos Monteiro, o atual sócio mais antigo da Sociedade Numismática Brasileira, resgata o espírito dos pioneiros colecionadores do passado - divulgar a sua grandiosa e importante coleção - com a publicação desse livro. O Autor desde 1954, com dedicação, procura e bom gosto, vem mantendo esse “conjunto” de numismas brasileiros seguindo o exemplo dos colecionadores do passado (entre outros cito: Julius Meili 1839-1907, Souza Lobo 1852-1922, Viscondessa de Cavalcanti 1852-1946, Guilherme Guinle 1882-1960, Kurt Prober 1909-2008) e atualmente Carlos Marques da Costa. Seguindo a sequência cronológica dos períodos da história brasileira, Colônia, Reino Unido, Império e República, a publicação, por meio de ótimas fotografias, registra para as futuras gerações um belíssimo e rico “conjunto” de moedas e medalhas relacionadas com o Brasil. A obra inicia com exemplares de moedas, somente de ouro, dos diferentes períodos da história do Brasil. São ilustradas quase todas as principais peças, algumas com detalhes aumentados. Em especial cito a Peça da Coroação e a sua prova em cobre, cinco barras sendo uma acompanhada com a guia datada de 1812 e o 10.000 réis de 1922. Em vez de descrever as demais peças repito aquela frase clássica: *Uma foto vale por mil palavras*. A segunda parte do livro trata de medalhas relacionadas com a História do Brasil e reforça ainda mais o seu pioneirismo citado anteriormente. Seguindo a sequência cronológica da nossa História são ilustradas as principais peças então conhecidas e algumas inéditas. Aqui repito aquela frase clássica outra vez: *Uma foto vale por mil palavras*. Desde 1910 esse é o principal registro a tratar, com belíssimas imagens atualizadas, as medalhas relacionadas com o Brasil. Para terminar essa nota faço uma única ressalva ao livro, uma crítica construtiva, que, com todo o respeito, já foi comentada com o autor: A tiragem dessa edição é pequena.

Registro que os trinta exemplares dessa obra, *que já é uma fonte de referencia importante*, foram distribuídos graciosamente pelo autor para as principais entidades relacionadas com a numismática no Brasil e no Exterior. Roberto Lemos Monteiro repete outro ato dos antigos e pioneiros colecionadores: visando ampliar a divulgação da numismática brasileira divulga informação que vai aumentar o conhecimento das atuais e futuras gerações de colecionadores. Segue algumas imagens da publicação.

**Nota do Editor:** O autor do livro informou que estará produzindo uma nova edição do livro, com mais 30 exemplares, para serem entregues da mesma maneira que o anterior, graciosamente, pois o mesmo não tem nenhum intuito comercial. Os nossos parabéns pela iniciativa.



89









# EXPOSIÇÕES, PALESTRAS E CURSOS

Em Sorocaba, interior do Estado de São Paulo, tivemos a oportunidade de desenvolver três importantes atividades numismáticas. O local escolhido foi o Espaço Cultural São Bento, que está sob a administração da Associação Amigos de São Bento, prédio totalmente restaurado para abrigar exposições e eventos culturais.



91

No dia 16 de abril tivemos a palestra “Aspectos relevantes da numismática e Medalhística no Brasil”, ministrada pelo Diretor Curador, Gilberto Fernando Tenor.

Na semana seguinte, dia 23, houve o lançamento pela Casa da Moeda do Brasil, da medalha comemorativa aos 350 anos do Mosteiro de São Bento de Sorocaba, oportunidade em que participamos com uma exposição de medalhas religiosas de nosso acervo.



*Carlos Henrique Silva Boiteux, Chefe de Gabinete da Casa da Moeda; Carlos Henrique Custódio, Presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e Gilberto Tenor*



Abrilhantando o evento tivemos a presença da Princesa **Maria Cristina Giusta Elena Giovanna**, filha do Amedeo Savoia-Aosta, Duque de Aosta; e de seu esposo, Príncipe **Casimiro di Borbone-Due Sicilie**, descendente do Rei das Duas Sicílias, Ferdinando II, irmão de nossa Imperatriz, Dona Thereza Christina, recepcionados pelo Diretor Curador.



*Momento do lançamento da medalha comemorativa*

## MEDALHA COMEMORATIVA 350 ANOS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE SOROCABA

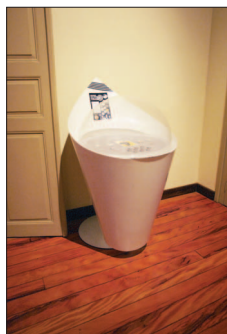
**ANVERSO**



**REVERSO**



Já no período de 02 a 23 de julho, tivemos a exposição do associado Bernardo Marin Neto, sobre A história das Copas pelas moedas e medalhas, exposição esta marcada pela grande presença de colecionadores e populares que visualizaram através da numismática este importante evento esportivo mundial.



93

*Vista da sala principal e dos expositores*



*Professor Luiz Almeida Marins Filho, da Associação dos Amigos de São Bento, Professor Marcos Affonso Marins, do Museu de Arte Sacra de Sorocaba e Bernardo Marin Neto*





*D. Leonette Kayal Stefano e Nassib Stefano, Presidente do Club Philatelico Sorocabano*



*Presença do casal Rubens e Eliana Egerland Marques de Henriques Silva*



*Esteve também presente no associado, Emilio Bassoi Junior*

## Métodos para Classificação dos 960 réis Variantes e Recunhos

O curso foi administrado em três etapas, dias 31 de julho e 07 e 14 de agosto, em nossa sede social, aonde foram abordados os seguintes temas: A história do Patacão, a literatura existente e as variantes das Casas da Moeda da Bahia, Rio de Janeiro e das Minas Gerais, além dos recunhos.

Teve como coordenador, Claudio Patrick Amato e assistentes técnicos, Nelson de Almeida Júnior, David André Levy e Samuel Silva Junior.



**MÉTODOS PARA CLASSIFICAÇÃO DE 960 RÉIS  
PATACÕES - VARIANTES E RECUNHOS**

**CURSO EM TRÊS DIAS NA SOCIEDADE  
NUMISMÁTICA BRASILEIRA**  
31 de julho - 7 de agosto - 14 de agosto

**TEMAS:**  
A história do Patacão  
A literatura existente  
As variantes da Casa da Moeda da Bahia  
As variantes da Casa da Moeda do Rio de Janeiro  
As variantes da Casa da Moeda de Minas Gerais  
Recunhos

**Docentes:**  
Cláudio P. Amato  
Nelson de Almeida Jr.  
David André Levy  
Samuel Silva Jr.

**Material Didático e Certificado**  
Investimento:  
Associados SNB R\$50,00  
Não associados R\$140,00  
Inscrições na SNB

**SOCIEDADE  
NUMISMÁTICA  
BRASILEIRA**  
Rua 34 de Maio, 247 2º andar 01041-001 São Paulo - SP Brasil  
(011) 4322-3534 3333 7804 snb@snb.org.br www.snb.org.br

# NOVIDADES NUMISMÁTICAS

## Copa do Mundo África do Sul 2010



O Banco Central lançou no dia 21 de maio, a moeda comemorativa à Copa do Mundo da África do Sul. Serão produzidas, no máximo, 25 mil unidades da moeda de prata, que tem valor de face de R\$ 5.

A moeda mostra no lado reverso dois jogadores em movimento, com a bandeira brasileira ao fundo, e as inscrições “5 reais” e “Brasil”. No outro lado (anverso), há a imagem de um jogador num cenário que mistura a savana africana com o mapa do continente, em que se destaca a África do Sul. Nesse lado, também há as inscrições “Copa do Mundo da Fifa” e “África do Sul 2010”.

Segundo o diretor de Administração do Banco Central, Anthero Meirelles, essa é a primeira vez que o Brasil lança uma moeda comemorativa referente a uma Copa do Mundo antes do início da competição. Antes disso, o Banco Central só havia cunhado moedas comemorativas aos títulos de 1994 e de 2002.

A moeda custará R\$ 108. Ela será vendida em unidades do Banco Central em dez capitais e pela internet, por intermédio do Banco do Brasil.



## COLEÇÃO XL RÉIS



No campo da internet, foi ao ar o site COLEÇÃO XL RÉIS, site muito bem montado, com ótima qualidade e feito por quem gosta do assunto. Está composto de verdadeiros tesouros, tanto no critério qualidade, como de raridade, vale a pena visitar esse site, aonde você poderá ver:

X Réis 1731 PECVNIA , X Réis 1787 Coroa Alta c/c Escudete, V Réis 1752 REX , V Réis 1768 R, LXXX Réis 1818 B (com uma letra B para ninguém dizer que é R com defeito de cunho), 75 Réis 1823 c/c Geral de 20, 20 Réis 1825 C, vários XL Réis sem carimbo - 1786, 1787, 1790, X Réis 1812 R c/c Escudete (única) além de muitas outras raridades.

O endereço é [www.colecaoxlreis.com.br](http://www.colecaoxlreis.com.br)

## ÁLBUM DAS MOEDAS DO REAL

Criado pelo colecionador Renato Schindler, o Álbum das moedas do Real é um sucesso entre os colecionadores, principalmente os iniciantes, pois desperta o estímulo em guardar as moedas correntes em uma bela cartela, aonde as moedas são encaixadas, desde a criação do Real em 1994 até a atualidade.

Este mesmo tipo de despertar o colecionismo numismático é utilizado nos Estados Unidos a mais de 40 anos e com isso podemos ver nos congressos da American Numismatic Association a grande quantidade de pequenos colecionadores que com certeza começaram suas coleções com esse tipo de álbum.

Esperamos que este excelente produto venha despertar muitos novos numismatas em nosso Brasil.

Para adquiri-lo entro no site: [www.banco\\_moeda.com.br](http://www.banco_moeda.com.br)



## NOVA FAMÍLIA DO REAL



As novas cédulas do real começaram a ser produzidas no dia 06 de agosto na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro. As notas de R\$ 50 e R\$ 100 começarão a circular em novembro. As demais, a partir de 2012.

Segundo o diretor administrativo do Banco Central, Anthero Meirelles, as cédulas antigas deixarão de circular dentro de dois a três anos. “O BC vai começar a receber essas novas cédulas e teremos que montar um estoque para fazer a distribuição em todo o país”, disse.

Além desse prazo para formar estoques, completou Meirelles, o intervalo até novembro servirá para os bancos adaptarem as máquinas às novas cédulas. O diretor do BC disse ainda que a autoridade monetária fará uma campanha educativa para mostrar à população as características da nova cédula.

As novas notas têm impressão superior e elementos de segurança --como a marca d'água-- foram redesenhados de forma a facilitar a identificação pela população e dificultar a falsificação.

Nas notas de R\$ 50 e R\$ 100 foi incluída uma faixa holográfica com desenhos personalizados por valor, o que, de acordo com o BC, é um dos mais sofisticados elementos anti-falsificação existentes.

O projeto das novas cédulas vem sendo desenvolvido desde 2003 pelo Banco Central e pela Casa da Moeda do Brasil. As notas atenderão ainda a uma demanda dos deficientes visuais, já que poderão ser identificadas por seus tamanhos diferentes e terão marcas táteis em relevo aprimoradas em relação às já existentes.

### CORES

As novas notas mantiveram as mesmas cores das antigas e os mesmos animais. Os tamanhos serão diferentes, a de R\$ 2 é a menor, a de R\$ 5 um pouco maior, e assim sucessivamente, a exemplo do euro.

A frente da cédula está visualmente mais limpa, mantida a efígie da República. A cédula ganhou, do lado direito, uma faixa com o valor da nota escrito e, do lado esquerdo, um grafismo com figuras do habitat de cada animal --a nota de R\$ 100, por exemplo, que tem uma garoupa no verso, ganhou na frente figuras que remetem ao mar.

No verso, as figuras de animais foram modificadas e estão agora na horizontal. A nota de R\$ 50, por exemplo, traz a mesma figura da onça pintada, agora deitada sobre uma pedra.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/778949-novas-credulas-do-real-comecam-a-circular-em-novembro.shtml>

# REGISTRO DE ENSAIO NÃO LANÇADO PARA A NOVA FAMÍLIA DO REAL

**Hilton Aparecido Magri Lucio**

Diretor de Divulgação

Muito tem se falado sobre a nova família de cédulas do Real. A data de lançamento, anunciada pelo Banco Central como para o primeiro semestre de 2010 ainda não foi confirmada.

O design básico de todas as cédulas foi mantido, sem maiores alterações. Todos os animais da família anterior foram mantidos, e as principais alterações ficam por conta do tamanho (cada valor agora terá um tamanho diferente dos demais) e dos elementos de segurança agora mais abundantes e sofisticados.

Mas poderia não ter sido assim. A imagem abaixo, capturada no site da Casa da Moeda do Brasil ([www.casadamoeda.gov.br](http://www.casadamoeda.gov.br)) em 01 de Outubro de 2008, mostra a finalização de um ensaio de uma nova cédula de Cinco Reais, com desenho totalmente diferente daquele que foi aprovado para a nova cédula de 5 reais.

Trata-se de uma cédula bastante colorida, com valor de 5 reais. À esquerda, está presente o que parecer ser uma marca d'água em forma de arara de perfil, com fundo branco. Esse animal continuará ilustrando a cédula de 10 reais. Abaixo do valor que aparece ampliado na foto, parece haver uma rosa dos ventos, o que poderia se constituir em um elemento de segurança.

Em função da qualidade da imagem, que teve que ser bastante ampliada, não é possível distinguir o que seriam os motivos que ocupam o centro da cédula. Fora do campo de trabalho preto, no canto superior esquerdo, é possível verificar a presença de outro ensaio, de menor tamanho, em preto e branco, com o desenho básico da primeira família das cédulas de real.

